

O livro das mil cores

Há muito, muito tempo, numa aldeia muito, muito distante, mas tão distante que para lá chegar se andava de autocarro durante três dias completos, havia uma aldeia – a aldeia das letras trocadas. Quem lá ia dizia que a viagem valia a pena... a aldeia era muito bonita. Uns diziam que era mágica, outros que ela era simplesmente magnífica e todos que lá iam por lá queriam ficar.

Na aldeia, naquele dia, andavam todos em alvoroço... ia ocorrer uma grande festa e nesse ano era oferecida pelos números.

De boca em boca, ouvia-se dizer que aquela era a festa no ano, por isso tinham de ir bem arranjadinhos, com roupas bonitas e penteados de deixar qualquer um de boca aberta.

Um dos grandes convidados desta festa era o **abecedário maiúsculo**.

Estava quase a anoitecer e todas as letras já estavam preparadas. Tornava-se impossível decidir qual a mais bonita ou a mais deslumbrante. Colocaram os convites nas mãos e lá foram elas, seguindo pela rua fora.

Chegaram ao local da festa e o **A** maiúsculo exclamou:

- Ai que lindo! Este ano escolheram um sítio muito bonito, fantástico! Pode ser que hoje até arranje um namorado...

Entraram todos. Estavam admirados e boquiabertos, não pelo facto de a sala ser e estar muito bonita, mas porque estavam lá letras quase iguais a eles.

O **B** maiúsculo, muito admirado, referiu:

- Não pode ser! Aquele **b** é quase igual a mim... só que é mais pequeno. E o **c**?! E aquele **m**? Está aqui alguma coisa errada...

Mas, apesar disso, decidiram divertir-se. Afinal, não era todos os dias que iam a uma festa. Começaram a petiscar e a dançar uns com os outros.

Passada uma hora já andavam as letras maiúsculas misturadas com as minúsculas e até os algarismos andavam lá pelo meio... mas eles eram tantos que até parecia que tinha havido uma multiplicação de letras. Mas, o mais importante é que todos se estavam a divertir imenso.

Estavam eles neste ambiente quando, de repente, apareceu uma luz brilhante! Parecia algo miraculoso, vindo do céu! Olharam todos e algo descia até eles. Com uma mistura de sensações e emoções, perguntavam uns aos outros:

- O que é aquilo?

Até que alguém ousou responder:

- Olá! Chamo-me livro das mil cores. E vocês? Quem são?

O **A** maiúsculo, sem mais demoras, avançou:

- Eu sou o **A** e, juntamente com estes meus amigos maiores, formamos o abecedário maiúsculo.

O **h** minúsculo não quis deixar de se apresentar:

- Eu sou o **h** e estas letras mis pequenas são os meus companheiros do abecedário minúsculo.

O **3**, naturalmente como anfitrião, não quis ficar para trás e disse:

- Eu sou o **3** e fomos nós, os algarismos, que organizámos esta festa. Acho que não foste convidado, mas já que aqui estás podes ficar.

O livro, sorrindo, agradeceu:

- Obrigado! Eu procuro ajuda. Como todos podem ver, eu sou elegante e tenho muitas cores, mas não existe mais nada além disso dentro de mim. Isto quer dizer que não tenho letras nem números de páginas.

Todos os presentes na festa ficaram comovidos ao ouvir os lamentos do pobre livro. Gerou-se ali uma enorme confusão... já ninguém se entendia. Até que, o **Z** maiúsculo disse:

- Se quiseres, posso ir para uma das tuas cores...

- Eu posso numerar uma página – disse o **2**, logo de imediato.

O livro resolveu aceitar a ajuda e perguntou:

- Querem todos ajudar-me?

- Sim! – exclamaram todos ao mesmo tempo.

- Então, vamos fazer um jogo. Concordam?

- Que jogo? – perguntou o **l** minúsculo, confuso.

O livro continuou:

- Eu vou colocar-me no meio da pista e vocês vão formar uma roda. Ligamos a aparelhagem e quando a música parar, a letra que estiver à minha frente salta para dentro de mim. Assim vamos dando nomes às minhas páginas coloridas e também as podemos numerar. Então, concordam?

- Sim! – responderam, todos entusiasmados.

Começaram o jogo. A primeira letra foi o **A** maiúsculo, depois o **z** minúsculo, a seguir o **u** minúsculo e, por fim, o **l** minúsculo. Assim se formou a primeira palavra – **azul**. Mas o jogo continuou durante toda a noite. Formaram-se, assim, os nomes das cores das páginas do livro das mil cores.

Estavam todos muito contentes por terem ajudado o livro. O **s** minúsculo dizia:

- Isto terá sido um sonho? Ou será um milagre?

Já tinha amanhecido, a festa tinha terminado e o livro já tinha números nas páginas e todas as cores já tinham nome.

O livro disse, então, aos seus novos amigos:

- Estão todas trocadas... as maiúsculas com as minúsculas. Não estão tristes, pois não?

O **L** maiúsculo respondeu, sorrindo:

- Não te preocupes, estamos todas tão felizes como tu.

- Eu até já arranjei namorado ... - riu-se o **A** maiúsculo.

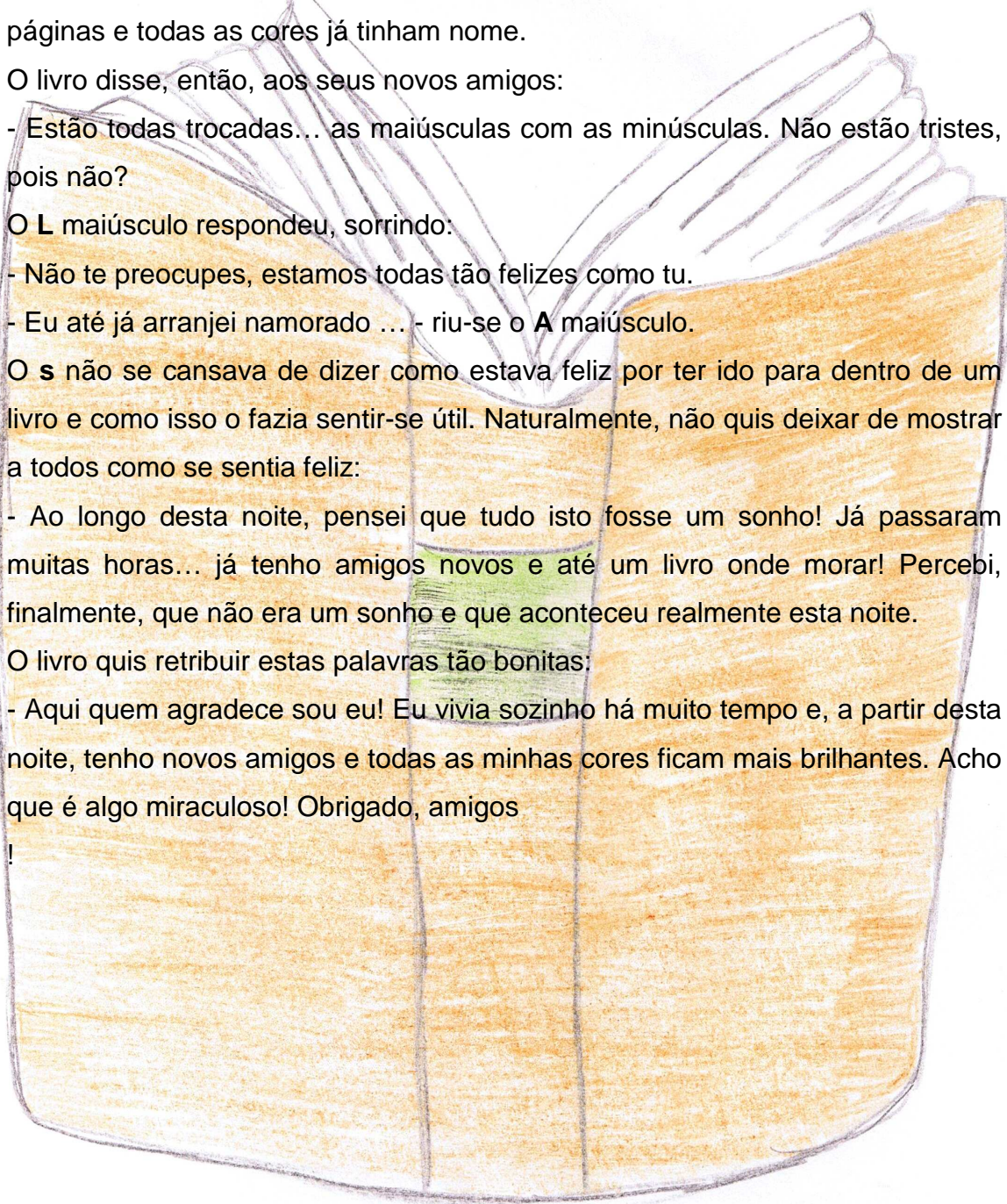
O **s** não se cansava de dizer como estava feliz por ter ido para dentro de um livro e como isso o fazia sentir-se útil. Naturalmente, não quis deixar de mostrar a todos como se sentia feliz:

- Ao longo desta noite, pensei que tudo isto fosse um sonho! Já passaram muitas horas... já tenho amigos novos e até um livro onde morar! Percebi, finalmente, que não era um sonho e que aconteceu realmente esta noite.

O livro quis retribuir estas palavras tão bonitas:

- Aqui quem agradece sou eu! Eu vivia sozinho há muito tempo e, a partir desta noite, tenho novos amigos e todas as minhas cores ficam mais brilhantes. Acho que é algo miraculoso! Obrigado, amigos

!



O nosso segredo

Era uma vez um menino que se chamava Nico. Todos que por ele passavam diziam «que menino tão formoso». E realmente o Nico era bem bonito, andava sempre muito arranjadinho e bem disposto. Era uma criança muito meiga e terna.

O Vale dos Encantos, onde ele morava, era um sítio lindo, tudo lá parecia mágico. Se os visitantes simpatizavam com Nico, os habitantes do Vale dos Encantos adoravam-no.

Certo dia, quando caminhava em direcção à escola com os amigos – a Clara e o Óscar – disse:

- Sabem, hoje não me apetece nada ir à escola. E se fôssemos para o riacho brincar?

A Clara ficou muito admirada, quase não conseguia responder. Mas acabou por dizer:

- Não estou a entender. Tu queres que faltemos à escola para irmos para o riacho brincar? Mas tu não és assim! Logo tu, que queres sempre ter boas notas.

- Eu sei. Mas hoje não me apetece mesmo ir à escola.

O Óscar, que ainda nem tinha fechado a boca de tão surpreendido que estava, disse:

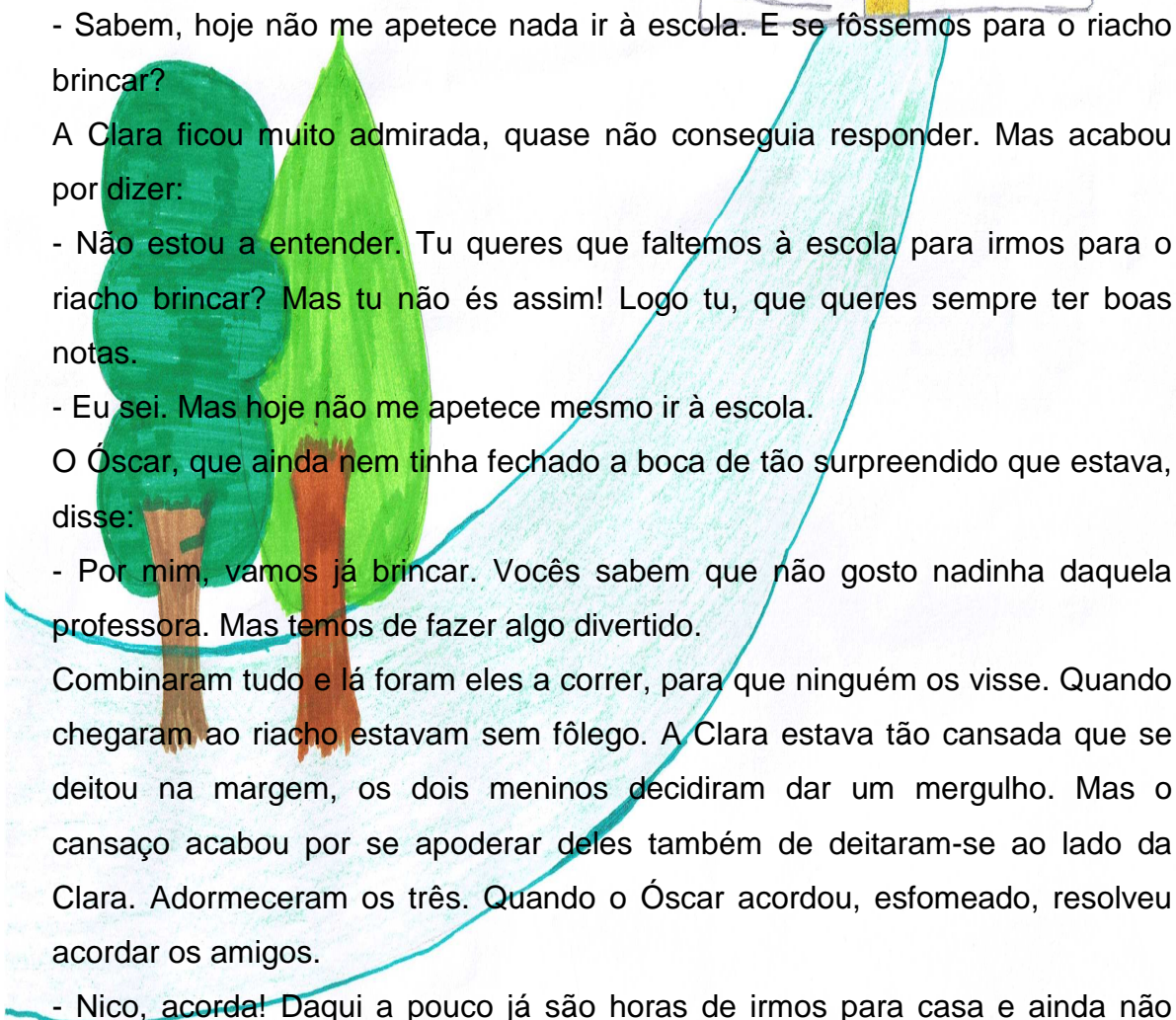
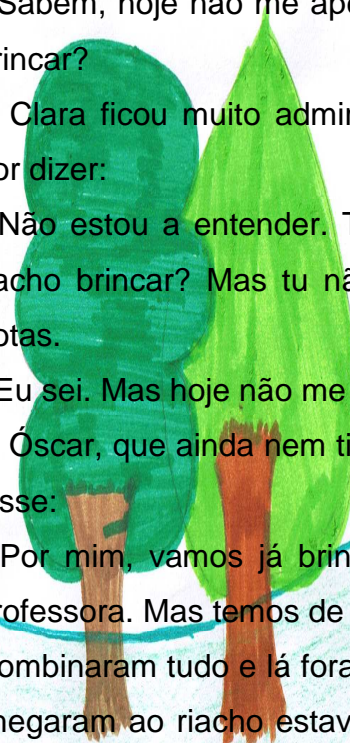
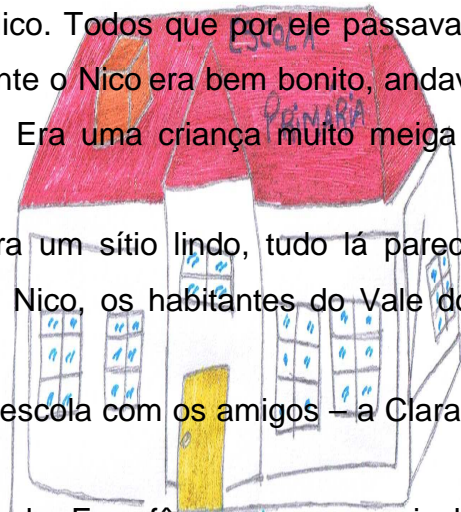
- Por mim, vamos já brincar. Vocês sabem que não gosto nadinha daquela professora. Mas temos de fazer algo divertido.

Combinaram tudo e lá foram eles a correr, para que ninguém os visse. Quando chegaram ao riacho estavam sem fôlego. A Clara estava tão cansada que se deitou na margem, os dois meninos decidiram dar um mergulho. Mas o cansaço acabou por se apoderar deles também de deitaram-se ao lado da Clara. Adormeceram os três. Quando o Óscar acordou, esfomeado, resolveu acordar os amigos.

- Nico, acorda! Daqui a pouco já são horas de irmos para casa e ainda não brincamos quase nada. Anda, Clara! Levanta-te, és tão preguiçosa!

O Nico levantou-se e espreguiçou-se:

- Estou cá com uma fome! Trouxeram alguma coisa para comer?



A Clara pegou na sua mochila e começou a tirar tudo o que tinha lá dentro.

- Oh nãaaaaaa! Hoje esqueci-me do meu lanche e também estou cheia de fome! Não podemos ficar sem comer até ao jantar. O que vamos fazer?

Ficaram os três aborrecidos sem saber o que fazer. Até que, o Nico teve uma ideia:

- Já sei! Tu e a Clara ficam aqui. Eu vou àquela casa abandonada no topo do riacho. Vi lá um pomar enorme, por isso vou ver se por lá encontro alguma fruta. Já venho, mas não saiam daqui porque eu não demoro.

E lá foi ele, cantarolando. Chegado à casa, começou a espreitar para ver o que por lá havia. A situação não estava fácil... pois o Nico estava cheio de medo. No vale falava-se que aquela casa estava abandonada há muitos anos e que por lá havia fantasmas. Só de pensar nas histórias que ouvira, o Nico tremia dos pés à cabeça. Não tremia de fome mas com um medo terrível...

- E agora? - pensou ele - Entro ou fico cá fora? Vou entrar e só olho para a frente. Mesmo que ouça algum barulho estranho nem sequer vou espreitar.

E lá foi ele pé ante pé, direitinho ao quintal. Estava lá um pomar enorme, com as árvores carregadinhas de fruta.

Aí, ele disse para si mesmo:

- Ai que apetitosas! Nem vou procurar mais!

Pegou na mochila, abriu-a e começou a colocar toda a fruta que conseguiu apanhar. A mochila já estava cheia, não cabia nem mais uma maçã. Fechou-a mas, quando ia pô-la às costas, apercebeu-se de que não podia com ela pois estava demasiado pesada. Começou a ficar preocupado:

- Como vou fazer? A mochila está muito pesada. Se for devagar, vou chegar muito tarde e depois eles vão-se embora. Se for com ela assim pesada vou ter de parar várias vezes pelo caminho para descansar. Ai! Não sei o que hei-de fazer? Se tiro algumas peças de fruta ficamos com fome na mesma... Está aqui um bico-de-obra que não sei como resolver! Tenho é de me despachar, já está a ficar tarde.

Até que teve uma ideia:

- Vou levar isto tudo até ali e vou escondê-lo. Depois, vou num instante chamar a Clara e o Óscar e lanchamos por aqui, brincamos e vamos para casa.

E assim fez o Nico. Depois de lancharem, brincaram até não terem mais forças. Quase se esqueciam das horas! Exaustos, voltaram para casa e pelo caminho falaram acerca da aventura que tinham tido. Já perto de casa, os amigos despediram-se até ao dia seguinte e Nico agradeceu-lhe a companhia e aquele dia tão divertido.

Nunca ninguém descobriu a aventura que eles tiveram naquele dia, que ficou para sempre como um segredo que os três partilhavam.



O perfume

A nossa história vai falar de duas amigas – a Inês e a Bruna. A Inês tem cabelos louros e lisos. É magra e anda sempre vestida de ganga. A Bruna tem os cabelos castanhos e lisos e é mais fortezinha. Anda sempre vestida de saia e blusa. São muito atrevidas e não param quietas. Além de atrevidas são muito curiosas e querem sempre saber o que se passa à sua volta. Mas, no fundo, são boas meninas porque, quando alguém precisa de apoio, elas ajudam as colegas.

Elas já se conhecem desde de pequenas, porque são vizinhas. Os seus pais sempre foram amigos. Elas andam na mesma escola e na mesma turma.

Elas costumam brincar na escola e quando regressam a casa continuam. Um dia vão para casa da Inês, no outro vão para casa da Bruna, todos os dias da semana sem falta. Costumam brincar com as bonecas mas também adoram jogar as escondidas e à bola. No fundo, elas gostam mesmo é de brincar, não importa com quê. Mas também partilham as suas brincadeiras com crianças da escola e com os vizinhos. O João e o Ricardo eram ainda mais traquinas do que elas.

Entretanto, num desses dias de brincadeiras, as duas amigas decidiram ir passear. Quando caminhavam pelo passeio, viram, do seu lado direito, uma grande quinta. Espreitaram e no quintal estava uma grande nogueira, carregadinha de nozes. As duas amigas, como eram muito tranquinhas, resolveram entrar e subir à nogueira, para ir apanhar nozes. A quinta estava abandonada. Por isso o portão que tinha já era velho e estava todo ferrugento, estava apenas encostado. Elas empurraram-no e ele abriu-se.

Quando já estavam a sair da quinta, encontraram a Joana e a Maria, que iam ao Hipercompra da esquina. A Joana é também uma grande amiga das da Bruno e da Inês. É alta, morena, e tem os cabelos castanhos e, tal como a Inês, anda sempre vestida de ganga. A Maria é mais baixinha das três e tem cabelos pretos, anda sempre vestida de fato de treino.

A Bruna perguntou-lhes onde iam.

A Joana respondeu: - Vamos comprar um perfume para o aniversário da Matilde.

A Matilde é uma nova vizinha delas, foi morar para a rua delas e, para entusiasmo das quatro, também é da mesma turma.

A Inês disse: - Querem vir connosco comer umas nozes em minha casa, antes de irem às compras? Depois podíamos ir todas ao Hipercompra, para escolhermos o presente. Nós também vamos à festa.

Lá foram elas para casa da Inês comer as nozes. Chegando a casa da Inês foram para a sala e começaram a comer as nozes e a beber sumo de laranja, que a mãe da Inês tinha feito para o jantar.

Estavam tão entretidas que nem se deram conta de que as horas passavam. Quando olharam para o relógio, começava a anoitecer. Então, saíram apressadamente para o Hipercompra e nem sequer limparam a confusão de cascas que estava pela sala. Quando a mãe da Inês chegasse a casa ia, certamente, ficar furiosa com ela...

Quando chegaram ao Hipercompra, a Maria lembrou-se que podiam comprar um perfume com cheiro a nozes. A Inês perguntou:

- Porquê com cheiro a nozes e não outro perfume.

Então, a Maria disse que a Matilde tinha comentado com ela que gostava muito do perfume com cheiro a nozes.

Foram à perfumaria. Procuraram...procuraram... iam experimentando vários perfumes mas nunca gostavam do cheiro. Experimentaram tantos perfumes que já nem sabiam o que trazer, por causa da enorme mistura de odores.

De repente, a Joana viu um perfume com cheiro a nozes e chamou pela Maria:

- Olha! Olha, o perfume está aqui!

A Maria correu para cheirá-lo e disse:

- Cheira tão bem, um cheirinho agradável, doce e fresco.

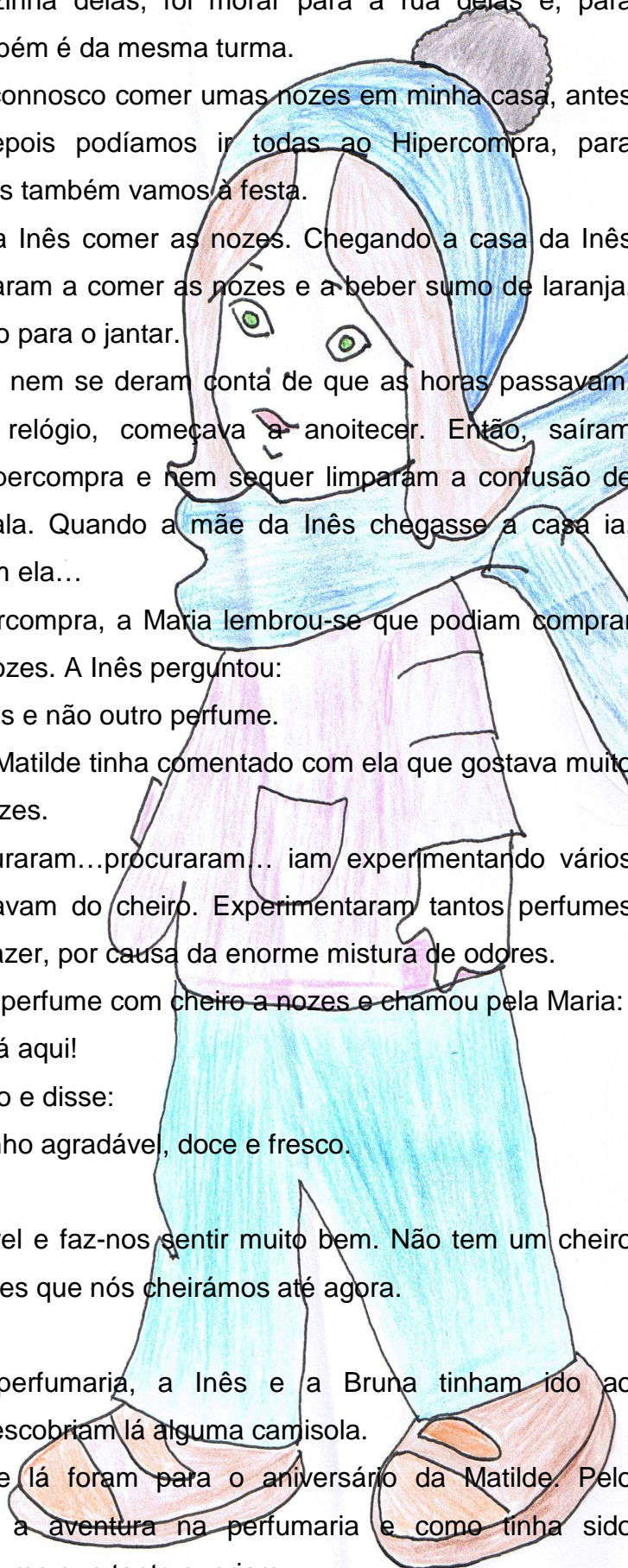
A Maria disse:

- Este cheiro é tão agradável e faz-nos sentir muito bem. Não tem um cheiro forte como os outros perfumes que nós cheirámos até agora.

- Vamos levar este, Joana!

Enquanto elas foram à perfumaria, a Inês e a Bruna tinham ido ao Hipercompra, para ver se descobriam lá alguma camisola.

Saíram do hipermercado e lá foram para o aniversário da Matilde. Pelo caminho, a Maria contou a aventura na perfumaria e como tinha sido complicado encontrar o perfume que tanto queriam.



Quando chegaram à casa da Matilde cumprimentaram-se e deram-lhe os presentes. A Bruna e a Inês disseram:

- Este presente é nosso. Experimenta e diz-nos se gostas e se te serve. Podemos sempre ir trocar.

A Matilde abriu a prenda e disse: - É muito bonita, gosto muito da camisola e tem as minhas cores preferidas. Acertaram em cheio! Há imenso tempo que andava de olho nesta camisola.

A Maria e a Joana faziam-se de rir. Nessa altura, a Matilde perguntou-lhes:

- Qual é a piada? Estão a rir-se de quê?

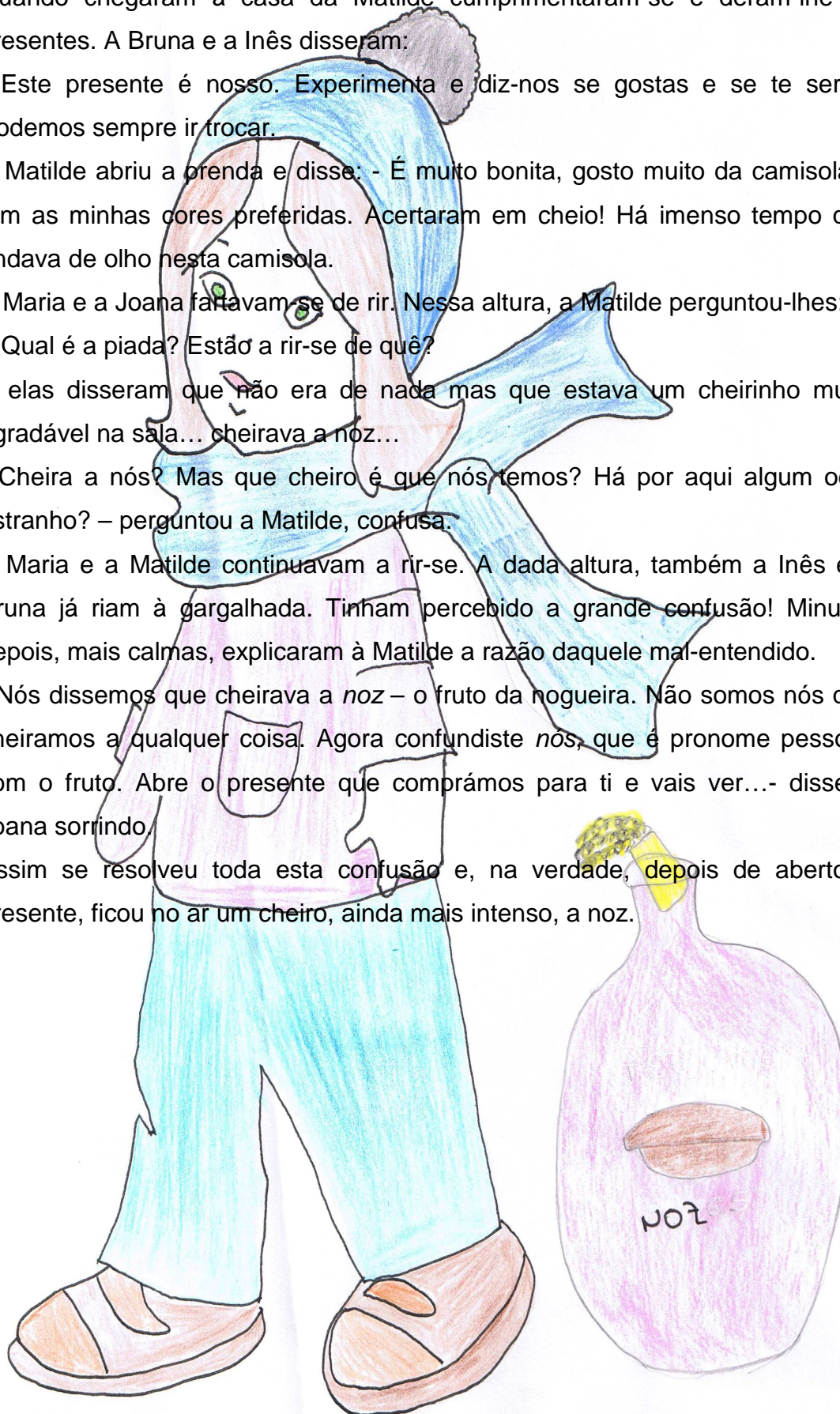
E elas disseram que não era de nada mas que estava um cheirinho muito agradável na sala... cheirava a noz...

- Cheira a nós? Mas que cheiro é que nós temos? Há por aqui algum odor estranho? – perguntou a Matilde, confusa.

A Maria e a Matilde continuavam a rir-se. A dada altura, também a Inês e a Bruna já riam à gargalhada. Tinham percebido a grande confusão! Minutos depois, mais calmas, explicaram à Matilde a razão daquele mal-entendido.

- Nós dissemos que cheirava a noz – o fruto da noqueira. Não somos nós que cheiramos a qualquer coisa. Agora confundiste nós, que é pronome pessoal, com o fruto. Abre o presente que comprámos para ti e vais ver...- disse a Joana sorrindo.

Assim se resolveu toda esta confusão e, na verdade, depois de aberto o presente, ficou no ar um cheiro, ainda mais intenso, a noz.



O R do Senhor Pires

Era uma vez um casal de ratinhos que vivia na adega do Sr. Pires, um senhor já com uma certa idade, magrinho e de olhos azuis. A adega do Sr. Pires era muito velha e cheia de teias de aranha. O chão era de terra batida, tinha enormes ripas e um lagar onde ele tratava do vinho. Além disso, era lá que ele guardava as suas colheitas de verão: as batatas, o milho, aveia... e muito mais. Certo dia, o Sr. Pires foi à sua adega para verificar como estavam as suas pipas porque estava a chegar a época das vindimas, logo já pairava no ar um cheirinho a Outono. De repente, ouviu um barulho, que mais lhe parecia um rato a roer uma rolha. E continuava... Rom rom para aqui, rom rom para ali.

- Mas de onde vem este barulho? – perguntou para si o Sr. Pires, muito preocupado.

Sim, ouviram bem. Ele disse “barulho”! Na verdade, o Sr. Pires, desde que se conhece por gente, sempre carregou no R! Sabe-se lá se é de nascença...

Quando viu um dos ratinhos a passar pelos seus pés, o Sr. Pires não ficou muito contente. Ele até gostava muito de ratinhos, o que ele não gostava era do estrago que eles podiam fazer!

Foi, então, verificar se os cestos que ia utilizar para a vindima estavam em bom estado. Constatou, nesse momento, que na sua adega vivia um casal de ratinhos muito simpático. O que eles gostavam mesmo era de petiscar os restos das sementes de aveia que o Sr. Pires também guardava na adega.

- Ah! Seus marrotos – dizia o Sr. Pires, carregando muito no R (por isso gostava tanto dos ratinhos) – Sim, vocês, ouviram bem. Então são vocês que fazem tanto barulho. Gostam muito de roer, não é?

Entretanto, entrou na adega, a esposa do Sr. Pires. Dois anos mais nova do que ele, ela é pequenina e gordinha e os seus cabelos encaracolados são já todos branquinhos. Ela usa sempre um avental, talvez para não se sujar ou apenas por hábito. Isso seria outra história. Mas sabemos que eles gostam muito um do outro e que se ajudam imenso, afinal estão casados há quarenta e seis anos!

Querem saber como é que eles se conheceram? Foi há cinquenta anos atrás, num baile. O Sr. Pires ficou encantado com a beleza daquela jovem pequenina mas elegante, com uns longos cabelos pretos e uns lindos olhos azuis. Todos

os amigos dele tinham uma enorme inveja porque ela era mesmo muito bonita. Ela também se apaixonou por ele. Ele, em tempos, também fora elegante e vestia-se muito bem. Ainda hoje o faz! Ele perdeu a vergonha e convidou-a para dançar naquela noite. Ela gostava imenso e deliciava-se quando ele carregava no R. Desde esse dia nunca mais se separaram. Os seus três filhos foram viver para a cidade porque não gostavam da aldeia. Mas o Sr. Pires e a esposa teimam em ficar na sua casa de sempre, na aldeia que os viu crescer. Quando a esposa chegou junto do Sr. Pires perguntou-lhe, curiosa:

- Ó Pires, estás a falar com os ratos?

O Sr. Pires disse-lhe:

- Ó meu docinho, eu estou a falar do barulho que os ratos fazem a roer os cereais.

- Desculpa lá, mas pareceu-me ouvir-te falar com os ratos! Eu sei que gostas muito destes animais, por isso nem te peço sequer para lhes montares uma rateira. Mas, meu querido, falar com eles é um bocadinho demais! Não achas? - disse ela, fitando-o no rosto.

O Sr. Pires contou-lhe a sua pequena aventura na adega e disse:

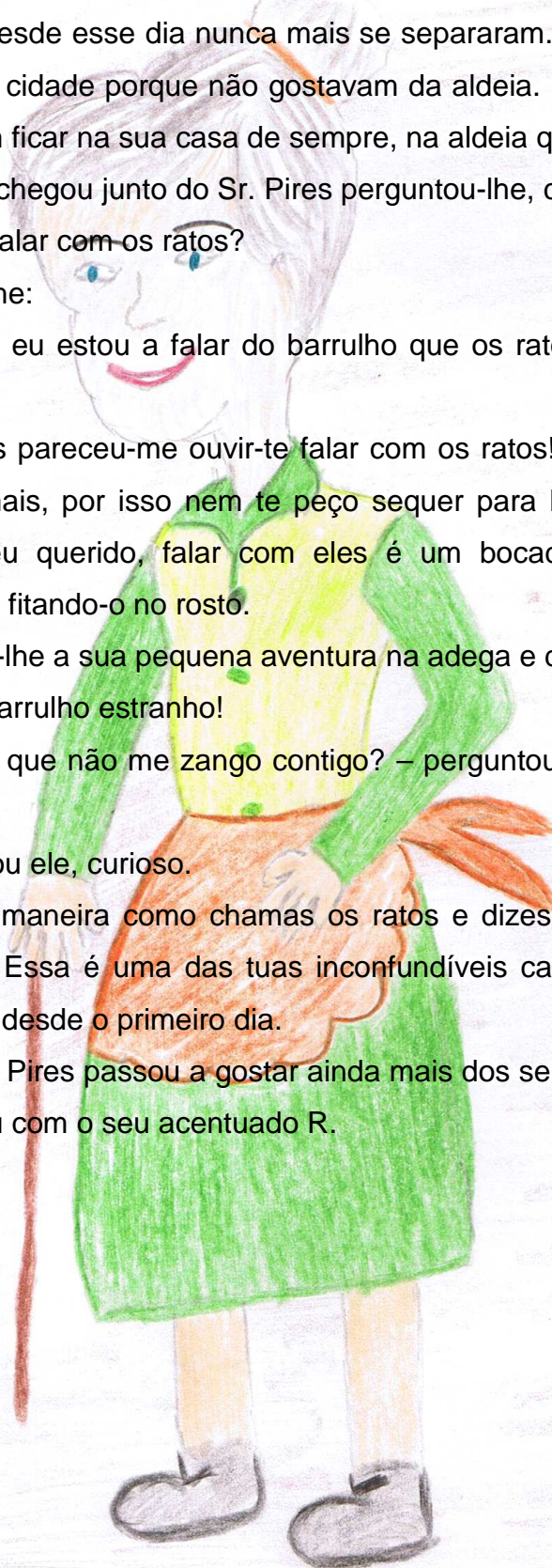
- Era mesmo um barulho estranho!

- Sabes por que é que não me zango contigo? – perguntou ela, com um largo sorriso no rosto.

- Porquê? – indagou ele, curioso.

- Porque adoro a maneira como chamas os ratos e dizes a palavra barulho, carregando no R. Essa é uma das tuas inconfundíveis características e pela qual me apaixonei desde o primeiro dia.

Ouvindo isto, o Sr. Pires passou a gostar ainda mais dos seus ratinhos e nunca mais se preocupou com o seu acentuado R.



O relógio

Na Aldeia dos Gales, que era muito grande e bonita, havia muitos campos, todos enormes, para cultivar. As pessoas que lá viviam eram muito unidas e todas muito simpáticas. Todos os dias acordavam com um grande sorriso, nunca se tinha visto ninguém de mau humor. A alegria reinava entre eles e, além disso, gostavam muito de se ajudar uns aos outros.

Lá vivia um lindo menino com a sua mãe. O Bruno morava sozinho com a mãe, numa casinha muito modesta, porque o seu pai tinha morrido há alguns meses, depois de estar muito doente.

Bruno, tal como os outros habitantes da sua aldeia, andava sempre com um sorriso nos lábios. Era pobre mas sentia-se feliz! Ele era muito meigo, tinha uns grandes olhos castanhos, a mesma cor dos seus cabelos.

A mãe, com longos cabelos e olhos castanhos sorria quando olhava para o menino. Aproximava-se o momento de Bruno entrar na escola e ela queria que ele aprendesse muitas coisas, afinal ela não sabia ler porque nunca tinham permitido que ela fosse à escola. Sobrevivia trabalhando no campo. Estava muito preocupada com o seu filho e com a ida deste para a escola. Então, para que ele se orientasse, pediu-lhe para aprender as horas, porque a mãe apenas se orientava pelo sol.

Entretanto, o menino não sabia quem é que lhe ia ensinar as horas. Andou de lá para cá e de cá para lá, até que encontrou um alfaiate, que vivia ali perto. Este ia fazer uma entrega a um cliente e o Bruno aproveitou para lhe perguntar:

- Sr. Alfaiate, como é que se fazem as horas?

- Não sei, mas pergunta a um carpinteiro. Talvez ele te possa ajudar.

O menino, cansadinho, foi andando. Quando passava por uma das padarias da aldeia, lá no fundo da rua, avistou o carpinteiro, que ia comprar pão. Assim, decidiu chamá-lo:

- Senhor carpinteiro, senhor carpinteiro!

Quando se aproximou do carpinteiro, ainda a recuperar o fôlego da corrida disse-lhe:

- Preciso de ajuda! Como é e com quê é que se fazem as horas?

- Menino, com um bocadinho de madeira, parafusos, ponteiros e números e pilhas.

- Então, pode-me fazer as horas?
- Sim posso, meu menino. Vai amanhã à minha carpintaria.

No dia seguinte, o menino decidiu ir buscar as suas horas.

Quando lá chegou, o menino ficou muito admirado e disse:

- Isto é que são as horas?
- Sim, mas não se chama horas. Chama-se relógio.

O relógio era redondo, de madeira mas pintado de verde, tinha braços, mas o mais engraçado é que ele cantava quando anunciava as horas.

O carpinteiro rematou:

- Vou ensinar-te a ver as horas nele. Assim, também podes pô-lo a despertar quando precisares. Olha, o relógio tem um visor com os números de um a doze, à sua volta. Tu sabes os números de um a doze?

- Sim, o meu pai ensinou-mos antes de falecer – respondeu o menino, todo orgulhoso.

- Um desses ponteiros é grande e o outro é mais pequenino. O ponteiro maior marca os minutos e o ponteiro mais pequeno indica as horas. O relógio está dividido em quatro partes iguais. Na parte de minutos contas de cinco em cinco. Então, diz-me lá, se o ponteiro das horas estiver no seis e o dos minutos no doze que horas são?

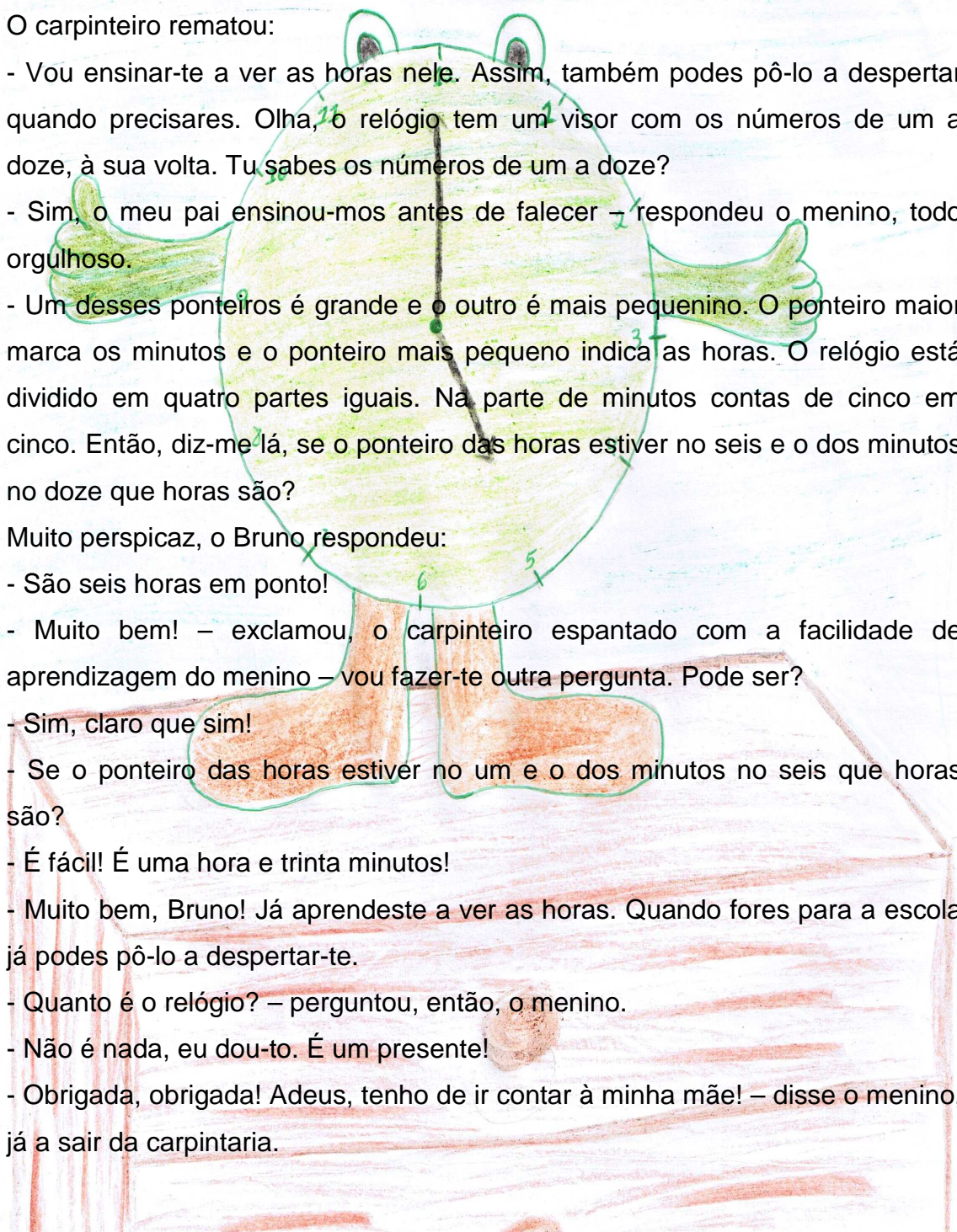
Muito perspicaz, o Bruno respondeu:

- São seis horas em ponto!
- Muito bem! – exclamou, o carpinteiro espantado com a facilidade de aprendizagem do menino – vou fazer-te outra pergunta. Pode ser?

- Sim, claro que sim!
- Se o ponteiro das horas estiver no um e o dos minutos no seis que horas são?

- É fácil! É uma hora e trinta minutos!
- Muito bem, Bruno! Já aprendeste a ver as horas. Quando fores para a escola já podes pô-lo a despertar-te.

- Quanto é o relógio? – perguntou, então, o menino.
- Não é nada, eu dou-to. É um presente!
- Obrigada, obrigada! Adeus, tenho de ir contar à minha mãe! – disse o menino, já a sair da carpintaria.



- Adeus, menino! Quando tiveres alguma dúvida vem ter comigo, eu explico-te – disse o carpinteiro sorrindo, mas com a sensação que Bruno não tinha ouvido a frase até ao fim.

O menino estava tão contente por ter um relógio, um presente, e por isso saltou e saltou de alegria, até chegar a casa. Contou a novidade à mãe, que ficou muito contente pelo filho. Então, curiosa, perguntou-lhe, onde é que ele tinha ido buscar o relógio que lhe dava as horas.

- Fui buscá-lo à carpintaria. Olha, estava lá fora às voltas, passou o Sr. Alfaiate e eu perguntei-lhe se ele me fazia as horas. Ele disse-me para ir à carpintaria e eu lá fui.

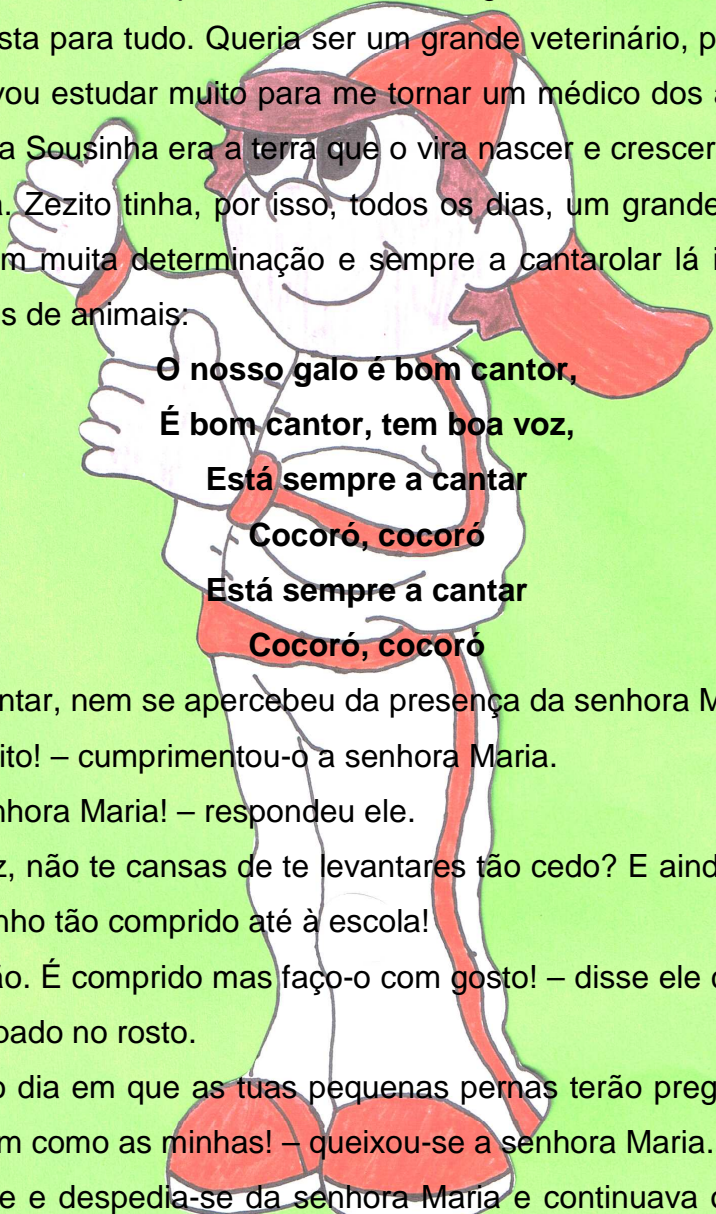
- Muito bem Bruno, posso contar contigo – disse a mãe, orgulhosa.

Desde esse dia, o menino aprendeu a ver as horas e, quando chegou o dia de ir para a escola, já sabia usar muito bem o seu relógio. Até ensinou a mãe a ver as horas no seu relógio. Tudo se tornou mais fácil e viveram felizes para sempre.

Querer não tem limites

O galo cantava da mesma maneira todas as manhãs. O sol nascia sempre por detrás dos montes e o Zezito levantava-se cedo, como habitualmente pois, para ele, o dia começava com o levantar das galinhas.

Zezito era um menino esperto, cheio de energia e muito conversador, tinha sempre resposta para tudo. Queria ser um grande veterinário, por isso dizia de boca cheia “vou estudar muito para me tornar um médico dos animais da Vila Sousinha”. Vila Sousinha era a terra que o vira nascer e crescer mas não havia lá uma escola. Zezito tinha, por isso, todos os dias, um grande percurso para fazer, mas com muita determinação e sempre a cantarolar lá ia ele. Adorava cantar canções de animais:



**O nosso galo é bom cantor,
É bom cantor, tem boa voz,
Está sempre a cantar
Cocoró, cocoró
Está sempre a cantar
Cocoró, cocoró**

Distraído a cantar, nem se apercebeu da presença da senhora Marai.

- Bom dia Zezito! – cumprimentou-o a senhora Maria.

- Bom dia, senhora Maria! – respondeu ele.

- Ó meu rapaz, não te cansas de te levatares tão cedo? E ainda tens de fazer a pé um caminho tão comprido até à escola!

- Claro que não. É comprido mas faço-o com gosto! – disse ele com um grande sorriso estampado no rosto.

- Vai chegar o dia em que as tuas pequenas pernas terão preguiça para tanto caminho, assim como as minhas! – queixou-se a senhora Maria.

O Zezito ria-se e despedia-se da senhora Maria e continuava o seu caminho, mas mais à frente encontrou o senhor Manel da quinta e começou a cantar:

Na quinta do Tio Manel

I-a-i-a-ô

Há patinhos a granel

I-a-i-a-ô

Qua, qua, qua aqui
Qua, qua, qua ali
Qua, qua, qua por todo o lado
Na quinta do Tio Manel
I-a-i-a-ô

- Bom dia rapaz! – disse, logo, o senhor Manel.

- Bom dia senhor Manel!

- Queres vir ajudar-me a alimentar os animais e cuidar deles? – perguntou ele, sabendo do sonho do Zezito.

Porém, o Zezito, deu-lhe uma resposta que o deixou surpreendido:

- Obrigado, mas tenho de ir para a escola estudar muito. Só assim saberei o que fazer quando os animais estiverem doentes e com fome.

O senhor Manel, rindo, disse-lhe:

- Vai lá rapaz, pois o caminho é comprido.

Todos os dias era a mesma coisa. Os habitantes da Vila Sousinha diziam-lhe sempre a mesma coisa. Mas o Zezito até achava piada. Os pais dele admiravam-se com a sua determinação e questionavam-se acerca do assunto. Mas a resposta do Zezito era sempre a mesma:

- O caminho é comprido, mas quando chego à escola fico feliz, pois o meu dever está a ser cumprido.

Os pais do Zezito, sabendo já a resposta que iam obter, não se fartavam de ouvi-la porque, no fundo, o Zezito estava feliz.

Quando queremos muito alguma coisa temos de lutar contra os problemas que surgem, como o caminho comprido do Zezito, para que, no fim, a realização seja total e o sentimento de dever cumprido permaneça dentro de nós.

Um despertador barulhento

Nicolau era um menino de 8 aninhos, loirinho e de olhos castanhos. Tinha o rosto pintado de sardas e usava óculos. Ele vivia numa aldeia pequena, onde havia uma padaria, uma loja e uma escola.

A mãe do Nicolau mandou-o à padaria buscar pão para o jantar. O Nicolau era um menino muito distraído, andava sempre na rua a olhar para as paisagens e para os passarinhos. Ele gostava muito de ver as vacas a pastar nos campos e de falar com elas. Enfim, ele perdia-se no tempo.

Quando chegou à porta da padaria desviou o olhar para a loja que ficava mesmo em frente. Era uma loja estranha e, ao mesmo tempo, engraçada. Naquela loja havia de tudo: mercearia, rádios, pequenos relógios, loiça, despertadores... tudo o que quiserem imaginar.

Ter um despertador era um sonho do Nicolau. Ele sempre tinha sonhado em acordar com o som de um despertador, afinal ele, desde que se conhecia, sempre tinha acordado com o canto dos galos da aldeia.

Nicolau entrou na loja.

- Boa tarde, senhor! – disse o Nicolau, um pouco timidamente.

- Boa tarde, menino. Em que posso ajudar-te?

- Eu nem sei muito bem. Entrei só para ver como é um despertador. Eu nunca tive um despertador e adorava ter um mas deve ser muito caro e eu tenho pouco dinheiro.

- O que é um despertador? Será que estás a falar de um despertador? Eu tenho vários, de todos os preços, tamanhos e feitios.

- Ah! Eu posso vê-los mais de perto? – perguntou o pequeno Nicolau, com os olhos brilhantes e um grande sorriso.

- Claro. Tens este mais pequeno, este um pouco maior e este que tem rádio também – disse-lhe o dono da loja, espalhando os despertadores pelo balcão.

- UAU – gritou o Nicolau, não contendo a sua alegria – sabe, se um dia comprar um despertador tem de ser um que faça muito barulho.

- Ah! Eu tenho exactamente aquilo que tu queres, mas já é muito antigo. Se não acordares com este despertador, devolvo-te o dinheiro de três despertadores.

- Eu adorava comprar o despertador mas não tenho dinheiro – afirmou o Nicolau, muito triste – o único dinheiro que tenho é para comprar pão para o jantar.

- Mostra –me o dinheiro que tens.

O Nicolau tirou as moedas que trazia no bolso e mostrou-lhas.

- Com este dinheiro podes levar este despertador e ainda te deixo esta moeda para comprares um pão. Está bem? Mas tens de me prometer que vais aprender a dizer correctamente a palavra despertador. Repete.

- Espertador. Ai, não! DESPERTADOR! – gritou ele, rindo.

- Despertador! Muito bem! Toma lá mais uma moeda para comprares mais um pão. Estou muito contente contigo porque já consegues chamar o despertador correctamente pelo nome.

O Nicolau ficou muito feliz. Saiu da loja e, com as moedas que lhe restavam, foi comprar dois pães.

De regresso a casa, o Nicolau saltava, pulava de felicidade e dizia bem alto para que todos ouvissem:

- Tenho um despertador! Comprei um despertador e é meu!

Quando chegou perto das vacas contou-lhes a grande novidade:

- Amigas, eu tenho um despertador! Adeus galos e viva o despertador!

No momento em que entrou em casa, o Nicolau disse, eufórico, à mãe: - MÃE! MÃE! Comprei um espertador. Ai! Um despertador!

- Compraste o quê? – perguntou a mãe, zangada – então eu mandei-te comprar pão e tu compraste um despertador?

- Não, mãe! Eu também comprei pão, é pouco mas trouxe algum. Entrei na loja em frente à padaria e vi um despertador – consegui, pensou ele, enquanto continuava a contar a sua pequena aventura – o senhor da loja foi muito gentil comigo. Até me fez um preço especial. Oh mãe, não te zanges comigo! Eu sempre quis ter um despertador...

- Está bem, mas que isto nunca mais aconteça. Quando te mandar buscar o pão deves trazer-me o troco – disse a mãe, já mais calma.

O Nicolau estava em pulgas. Foi pôr o despertador na sua mesa-de-cabeceira. Depois do jantar foi para a cama mas a ansiedade era enorme e ficou horas a pensar se de manhã ouviria o despertador tocar e a imaginar como seria.

Acabou por adormecer. No outro dia de manhã, o despertador tocou **tão**

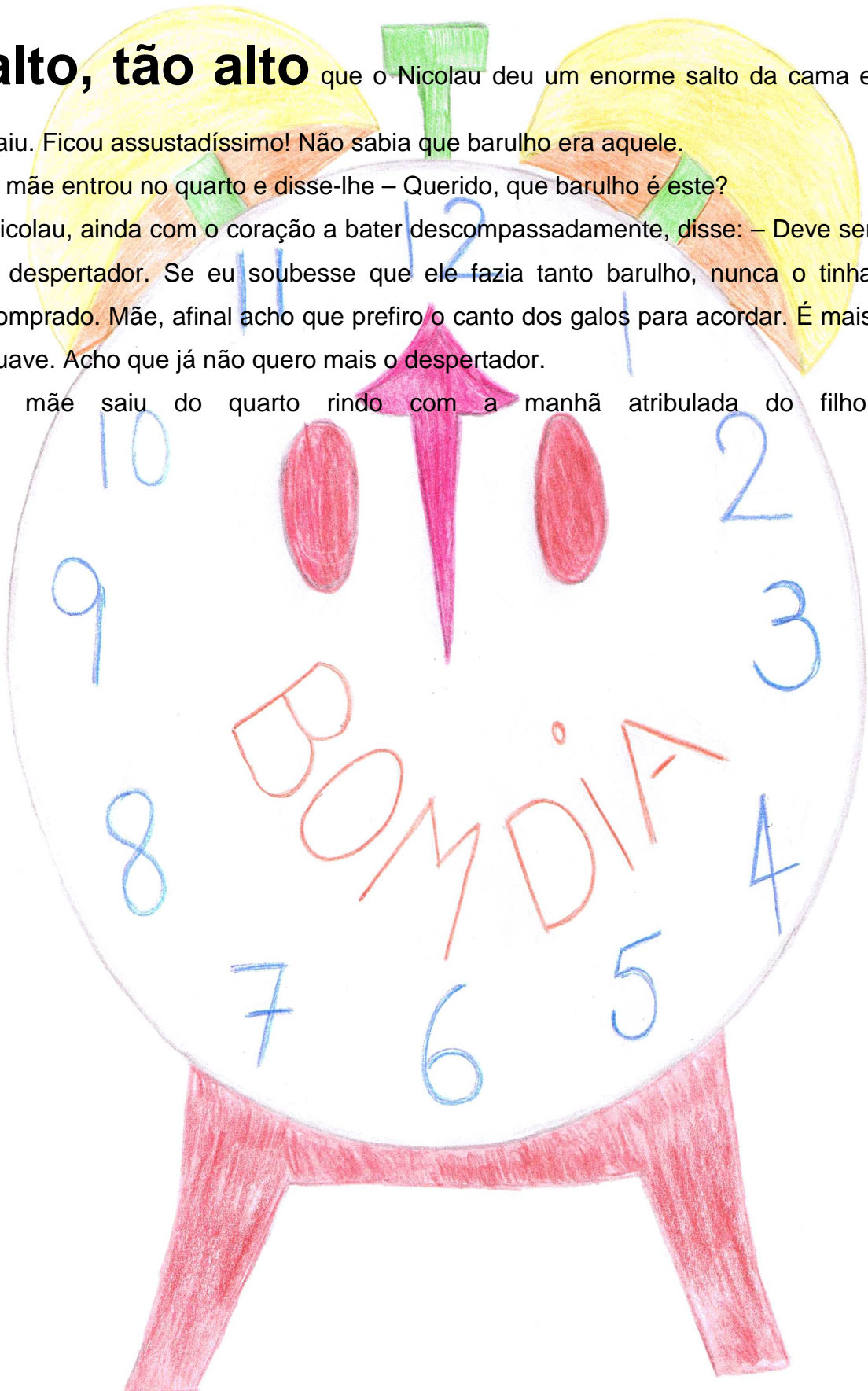
alto, tão alto que o Nicolau deu um enorme salto da cama e

caiu. Ficou assustadíssimo! Não sabia que barulho era aquele.

A mãe entrou no quarto e disse-lhe – Querido, que barulho é este?

Nicolau, ainda com o coração a bater descompassadamente, disse: – Deve ser o despertador. Se eu soubesse que ele fazia tanto barulho, nunca o tinha comprado. Mãe, afinal acho que prefiro o canto dos galos para acordar. É mais suave. Acho que já não quero mais o despertador.

A mãe saiu do quarto rindo com a manhã atribulada do filho.



Um dia nas férias de Verão

A Joana, como sempre, estava toda contente porque as férias na escola tinham começado. Ia poder brincar todos os dias com as suas colegas lá do sítio onde vivia.

Os pais da Joana aproveitavam, todos os anos, para tirar férias no Verão, assim podiam passar algum tempo com a filha. Aproveitavam para ir passear para fora, iam sempre para outras praias e outros sítios.

Nesse ano decidiram ficar por ali mesmo, para descansarem e para ser diferente dos anos anteriores.

A Joana, por mais incrível e estranho que possa parecer, ficou toda contente porque ia brincar com as colegas. Mas para ter mesmo a certeza, voltou a perguntar ao pai:

- Pai, este ano vamos mesmo ficar aqui em casa?

E o pai respondeu:

-Vamos Joana. Este ano ficamos por aqui mesmo, para ser diferente.

A Joana, com um grande sorriso, foi ter com as amigas para lhes contar a novidade:

-Este ano não vou de férias, vou ficar aqui. Os meus pais preferem aproveitar as férias aqui na zona.

As amigas da Joana ficaram todas contentes porque, finalmente, estariam com a amiga durante o Verão. A Inês, a melhor amiga da Joana, essa então ficou radiante com a notícia e não parava de dizer:

- É tão bom ficares por aqui! Estava um pouco triste porque pensava que não te via ver durante um mês inteirinho...

Mesmo tendo o tempo todo do mundo, elas brincaram... brincaram... até mesmo ao final da tarde ... brincaram nos baloiços, nos escorregas. Enfim, se o sol não se estivesse a pôr, elas continuariam, certamente, a brincar no parque.

Mas já tinham novos planos para o dia seguinte... um dia em casa da Inês... Porém... No dia seguinte, algumas não puderam ir porque os pais tinham decidido fazer um passeio.

A Joana, um pouco comprometida, por ter combinado com as colegas sem ter falado com os pais, disse:

- Eu também vou sair com os meus pais hoje. Eles disseram que queriam aproveitar para fazer um passeio com toda a família. Por isso não posso ficar em casa.

Nesse momento, olhou para a Inês e viu que ela tinha muito triste porque, afinal, era a única que ia ficar sozinha. A Joana apercebendo-se do ar tristonho da amiga, correu para casa para falar com a mãe:

-Mãe, a Inês pode vir connosco? Ela está muito triste porque vai passar o dia sozinha...

A mãe da Joana explicou:

-Sabes Joana, vamos sair sem horas marcadas. Vamos aproveitar o dia ao máximo. Podemos chegar tarde a casa e depois a mãe da Inês pode ficar chateada.

A Joana, muito triste por não ter a companhia da amiga, foi ter com o pai. Talvez ele a pudesse ajudar... Tentou:

-Pai, a Inês vai ficar sozinha ... será que ela pode ir connosco?

Entretanto, a mãe da Joana, tentando ajudar, foi ter com eles e o marido disse-lhe:

-A Joana está triste por deixar a amiga sozinha. Nós até podíamos levá-la connosco. Há sempre espaço para mais uma.

Então, a mãe da Joana, sorrindo, disse:

-Vai a casa da Inês e pergunta à mãe dela se a deixa passar o dia connosco. Ah! Já agora, se a deixa dormir cá esta noite, provavelmente vamos chegar um pouco tarde.

Lá foi a Joana, aos pulos, a casa da Inês. Quando chegou, bateu à porta. Por acaso foi a mãe da Inês que veio abrir. Ela aproveitou para lhe perguntar, de um único fôlego:

-Deixa a Inês vir passear comigo e com os meus pais e dormir lá em casa esta noite? Devemos chegar um pouco tarde...

A Mãe da Inês disse:

- Calma! Respira um bocadinho! E respondendo ao teu pedido ... se a teus pais deixarem por mim, tudo bem.

A Joana, cada vez mais entusiasmada, continuou:

- Os meus pais mandaram-me cá para perguntar se ela podia vir connosco.

A Inês, depois de saber da novidade, vestiu-se num ápice e foram para a casa da Joana. Os pais dela já estavam no carro. Partiram sem hora nem destino marcado.

Aproximava-se um dia muito divertido e relaxante para todos, em especial para as duas amiguitas que iam poder ter a companhia uma da outra. Assim se iniciava um dos muitos dias de férias que tinham pela frente.

Um presente especial

Era véspera de natal e, na cidade, as pessoas faziam as últimas compras. Corriam de um lado para o outro, todas apressadas numa verdadeira azáfama. Sofia andava as compras com a mãe. Ambas gostavam muito do Natal e do que ele representava. A mãe de Sofia era uma senhora muito elegante, sempre muito bem arranjada.

Entraram numa loja para comprar um casaco para Sofia, mas ela não era nada vaidosa e não tinha paciência para tirar e vestir roupa. Foi, então, que pelo vidro da montra Sofia avistou um animal abandonado. Saiu da loja a correr e foi ao seu encontro. Estava um dia frio e gelado e nevava muito, mas Sofia não se deixou intimidar.

Ao sair da loja, a mãe de Sofia chamou-a para irem embora, mas Sofia não queria deixar ali aquele animal abandonado, ao frio e com fome.

- Mamã, podemos levar este cachorrinho para casa? - perguntou Sofia à mãe.

- Claro que não, Sofia! O cachorro ainda pode ter alguma doença...

- Mas mamã, o cachorrinho está a precisar de um lar...- disse a Sofia quase a chorar.

- Minha querida, para ter um animal é preciso ter espaço e nós vivemos num apartamento. Não é boa ideia!

- Nós temos um terraço enorme - insistia Sofia, tentando convencer a mãe a levar o animal, mas tudo em vão.

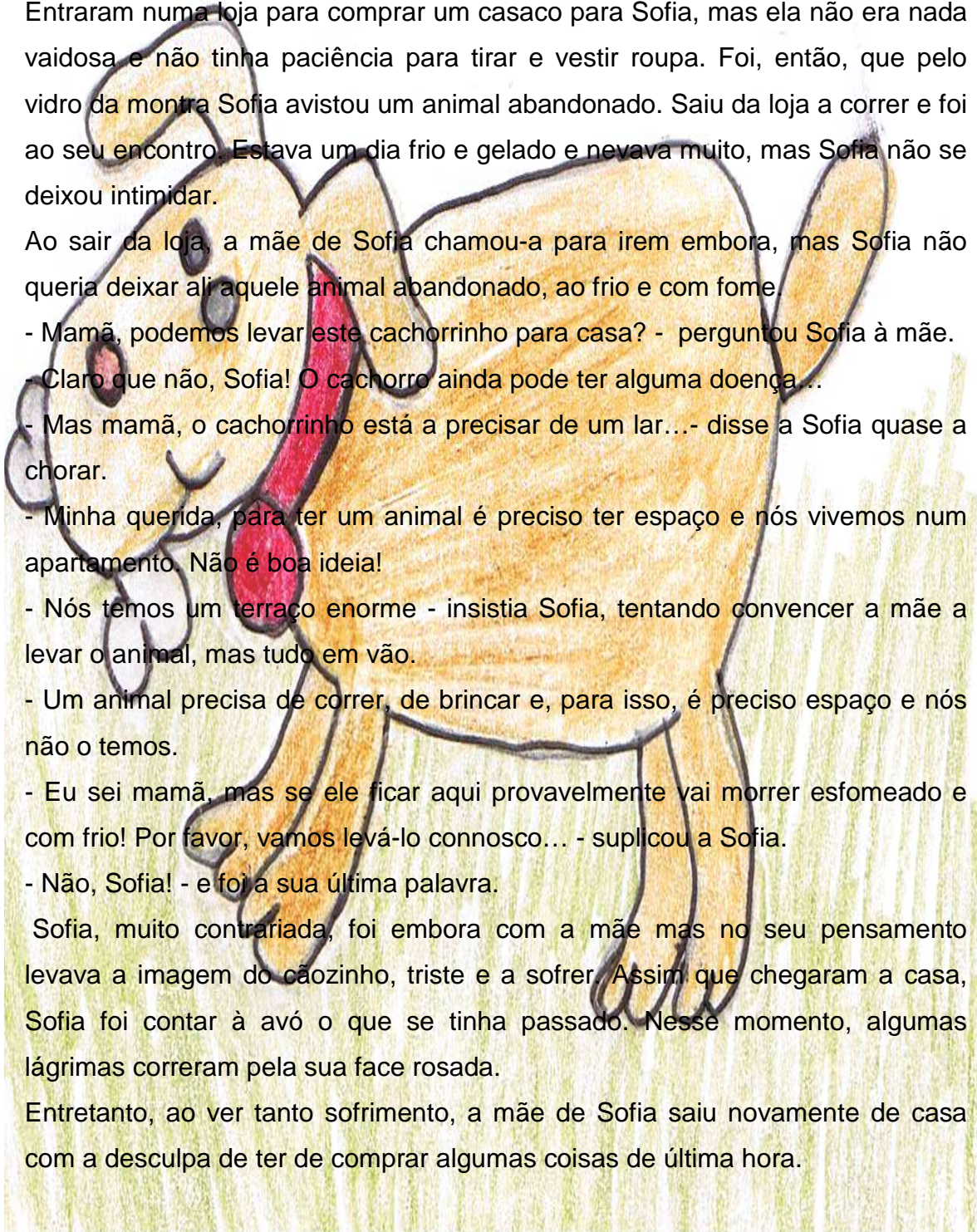
- Um animal precisa de correr, de brincar e, para isso, é preciso espaço e nós não o temos.

- Eu sei mamã, mas se ele ficar aqui provavelmente vai morrer esfomeado e com frio! Por favor, vamos levá-lo connosco... - suplicou a Sofia.

- Não, Sofia! - e foi a sua última palavra.

Sofia, muito contrariada, foi embora com a mãe mas no seu pensamento levava a imagem do cãozinho, triste e a sofrer. Assim que chegaram a casa, Sofia foi contar à avó o que se tinha passado. Nesse momento, algumas lágrimas correram pela sua face rosada.

Entretanto, ao ver tanto sofrimento, a mãe de Sofia saiu novamente de casa com a desculpa de ter de comprar algumas coisas de última hora.



As horas iam passando...toda a família reunida comemorava o nascimento de Jesus e era quase meia-noite – hora da abertura dos presentes! Mas, Sofia continuava triste! Todos se juntaram na sala, junto a lareira, e distribuíram os presentes uns pelos outros.

Sofia, apesar de ter recebido vários presentes, continuava deprimida. De repente, olhou para um canto e viu um embrulho um pouco maior do que os outros... o embrulho mexia-se! Estranho!

- Mamã, mamã, aquele embrulho mexeu-se!

- Será, Sofia? Vamos ver o que será.

Quando Sofia desembalhou o presente, deparou-se com um cãozinho que parecia igual ao que ela tinha visto na rua. Nesse momento, ela gritou e pulou de alegria.

Afinal, as compras de última hora da mãe de Sofia eram apenas uma desculpa. Ela tinha ido, na verdade, resgatar o animal que tinham visto na rua de tal sofrimento. No espaço de tempo em que saiu de casa, foi buscá-lo, levá-lo ao veterinário e comprar-lhe uma casota. Depois, para não estragar a surpresa, pediu a uma das suas vizinhas que ficasse com ele até á hora do desembalhar das prendas.

A alegria de Sofia era tanta que jamais se irá esquecer daquele presente de Natal, tão especial!



Uma Flor especial

Era uma vez um menino. Chamava-se Simão e tinha 6 anitos. Ele tinha uma irmã com quem passava o tempo a brincar. Mas ela era mais velha. Já tinha 13 anos.

O Simão tinha entrado naquele ano para a escola primária. A irmã ajudava-o nos pequenos trabalhos de casa.

O Dia da Mãe estava a aproximar-se e o Simão não sabia o que oferecer à mãe. Todos os anos, desde que entrara na pré-escola, lhe oferecia sempre o mesmo presente – cartões, cartões, cartões... Apesar de serem feitos por ele, estava farto e queria oferecer um presente diferente. Por isso, foi ter com a irmã e perguntou-lhe:

- Maninha, não sei o que oferecer à mãe no dia dela. Podes ajudar-me?
- Claro que sim. Se pensarmos em conjunto é mais fácil descobriremos o que podes oferecer-lhe. Temos de pensar em algo que a mãe goste muito – disse a irmã, sorrindo.

Simão andou todo o dia a pensar naquilo que a irmã lhe tinha dito. Mas, com o aproximar da noite, começou também ele a refugiar-se numa tristeza tal que a irmã foi ter com ele novamente. Sentou-se ao seu lado e disse-lhe:

- Não fiques assim. Independentemente do que lhe ofereças, tenho a certeza que vai adorar.

Mesmo assim, uma lágrima correu pelo rosto do Simão. Acabou por se deitar sem ter solucionado o seu problema. Nessa noite sonhou com uma flor, completamente diferente. Tinha uma cor especial, como nunca antes tinha visto.

Na manhã do dia seguinte, acordou com um enorme sorriso e correu para o quarto da irmã.

- Mana, mana. Vou à procura de uma flor muito especial. Achas que a mamã vai gostar?
- Ah? Não estou a perceber! De que flor estás a falar? – perguntou a irmã confusa.

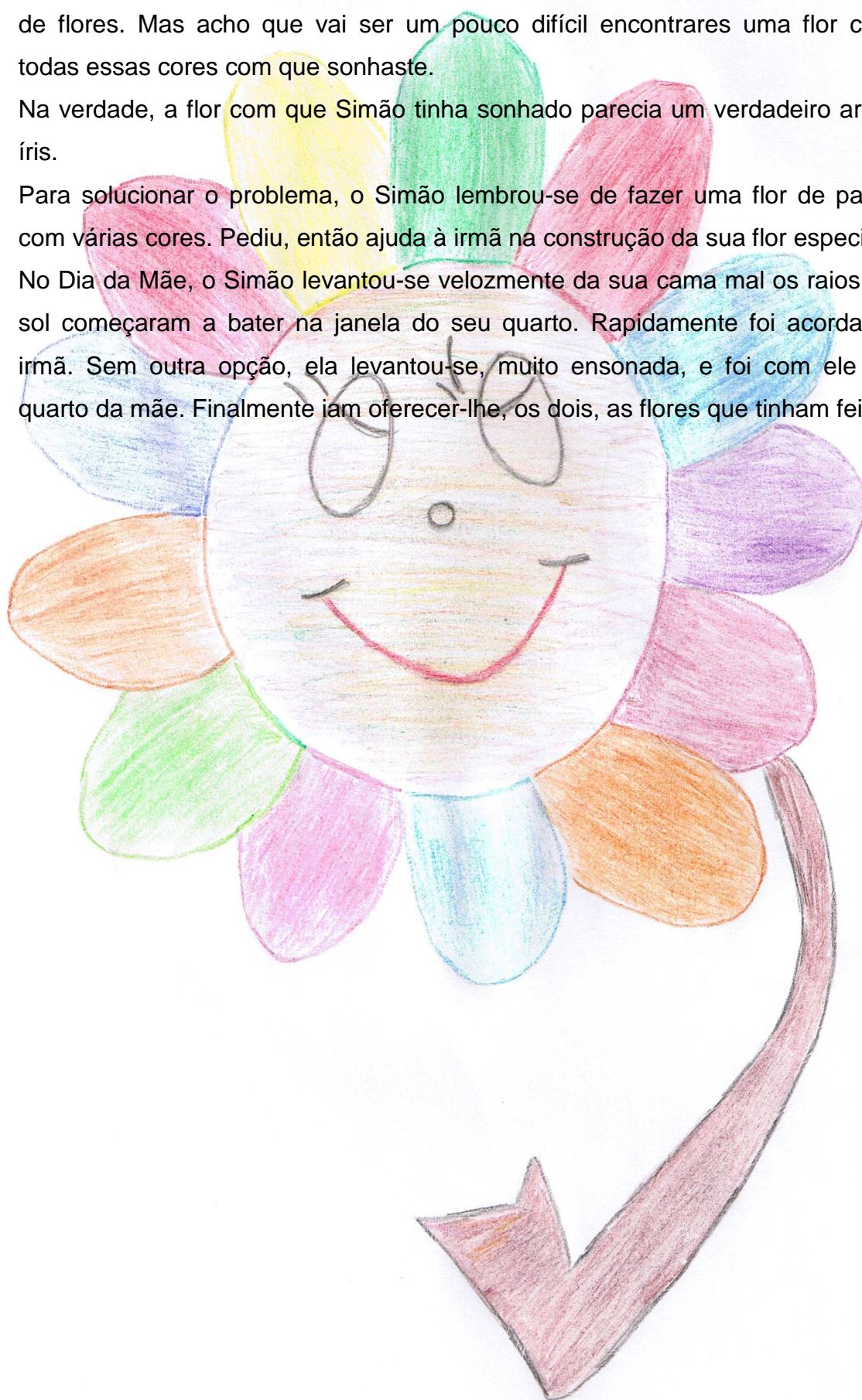
Nesse momento, ele parou um pouco e contou-lhe o sonho que tivera durante a noite.

- Agora já percebi. Claro que a mamã vai gostar, sabes que ela gosta imenso de flores. Mas acho que vai ser um pouco difícil encontrares uma flor com todas essas cores com que sonhaste.

Na verdade, a flor com que Simão tinha sonhado parecia um verdadeiro arco-íris.

Para solucionar o problema, o Simão lembrou-se de fazer uma flor de papel com várias cores. Pediu, então ajuda à irmã na construção da sua flor especial.

No Dia da Mãe, o Simão levantou-se velozmente da sua cama mal os raios de sol começaram a bater na janela do seu quarto. Rapidamente foi acordar a irmã. Sem outra opção, ela levantou-se, muito ensonada, e foi com ele ao quarto da mãe. Finalmente iam oferecer-lhe, os dois, as flores que tinham feito.



Uma grande dor de barriga

Estava um lindo dia de Verão. Os raios de sol, muito intensos, entravam pelos vidros das janelas de qualquer casa, àquela hora do dia. Afinal estávamos em pleno mês de Julho. Joãozinho estava em casa, muito aborrecido. Queria aproveitar aquele dia magnífico mas não tinha companhia e sair de casa sozinho não tinha a mesma piada.

De repente, ouviu alguém bater à porta. Espantado, levantou-se e foi abrir. Deparou-se com o seu amigo Diogo. Este perguntou-lhe:

- O que estás a fazer fechado em casa com um sol destes?
- Não me apetecia sair de casa sozinho. Agora que tu chegaste mudei de ideias. E se fossemos dar uma volta até à praia? – disse o Joãozinho, já mais entusiasmado.
- Tudo bem. Mas temos de passar pela minha casa para vestir os calções e trazer a minha toalha. Também não sabia se tinhas ido de férias para fora ou não. Decidi arriscar e aqui estou!
- Fizeste bem. Já liguei para várias pessoas mas todos tinham saído... e com uma praia óptima aqui tão perto...

Pegaram nas bicicletas e puseram-se a caminho. Quando chegaram à praia, estenderam as toalhas e deitaram-se ao sol. Àquela hora ainda estava muito calor, embora já não fosse a hora de maior perigo. Por isso, o Joãozinho cansou-se logo e perguntou:

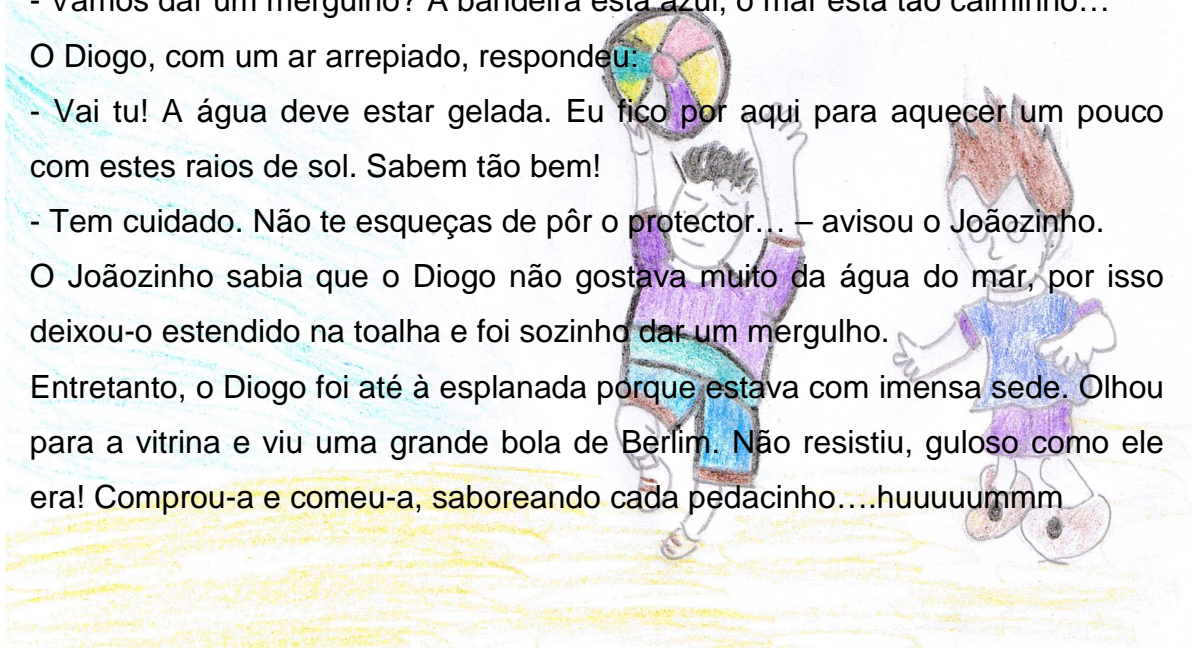
- Vamos dar um mergulho? A bandeira está azul, o mar está tão calminho...

O Diogo, com um ar arrepiado, respondeu:

- Vai tu! A água deve estar gelada. Eu fico por aqui para aquecer um pouco com estes raios de sol. Sabem tão bem!
- Tem cuidado. Não te esqueças de pôr o protector... – avisou o Joãozinho.

O Joãozinho sabia que o Diogo não gostava muito da água do mar, por isso deixou-o estendido na toalha e foi sozinho dar um mergulho.

Entretanto, o Diogo foi até à esplanada porque estava com imensa sede. Olhou para a vitrina e viu uma grande bola de Berlim. Não resistiu, guloso como ele era! Comprou-a e comeu-a, saboreando cada pedacinho... huuuummm



O Joãozinho esteve muito tempo dentro de água. Porém, quando o sol começou a querer esconder-se no horizonte, resolveram voltar para casa. No regresso a casa, a certa altura, o Diogo gritou:

- Ai! Ai! Ai!

- O que foi? O que aconteceu? – perguntou o amigo, aflito.

- Ai! Ai! – continuou a queixar-se o Diogo, mas depois disse – Enquanto tu foste dar um mergulho, fui à esplanada e comi uma grande bola de Berlim. Agora dói-me a barriga. Ai! Ai!

- Eh eh eh. Pois é! – disse-lhe o Joãozinho entre risos – és um grande guloso e agora estás com uma grande dor de barriga. Deve ser uma congestão. Vamos para casa e bebes um chazinho. Vais ver que isso passa. A minha avó tem lá em casa chás para todas as maleitas. Certamente, terá algum para ti. Tens de aguentar essa dor de barriga até chegarmos a casa...



Uma Páscoa especial

Faltam dois dias para a sexta-feira santa – feriado.

Custaram-me tanto a passar estes dias... No ano anterior, os meus pais foram passar as férias a França. Passaram lá a Páscoa e quando regressaram de férias trouxeram-me muitos chocolates. Os chocolates eram muito engraçados, tinham formas muito diferentes – galinhas, coelhos, patos de vários tamanhos... Trouxeram-me uma galinha muito engraçada mas não era comestível, era uma galinha de plástico com penas verdadeiras. Não acreditam? Tínhamos de colocar uns ovos pequenos (uns bombons) no papo da galinha. Depois carregava-se no pescoço da galinha para baixo e ela punha os ovos, como as galinhas normais...e eu comia-os. Gosto muito dessa galinha, nunca vi uma igual! Pena não haver mais ovos pequeninos como estes para colocar no papo da galinha! Eram tão bons... quem sabe se um dia os meus pais voltam a França e me trazem mais ovinhos como aqueles.

A minha mãe contou-me que a época da Páscoa é vivida de forma diferente em Portugal e em França. Em Portugal, pelo menos na minha aldeia, as pessoas têm as mesas recheadas de comida, bolos, doces... O padre vai de casa em casa para dar a Cruz a beijar e as pessoas vão atrás. As casas ficam cheias de uma imensidão de gente que, depois de beijarem a Cruz, comem e bebem.

É um dia engraçado, mas em França é muito mais calmo...não tem absolutamente nada a ver... As pessoas oferecem, umas às outras, chocolates, bolinhos, patos, coelhos, ovos, mochos... chocolate preto, branco, com leite, colorido...

Imaginem que os pasteleiros fazem concursos de montras. Mas ficam tão lindas! A minha mãe trouxe-me uma fotografia de uma exposição de chocolate! Um verdadeiro espectáculo...fazem quadros, castelos, personagens em chocolate.

A verdade é que a tradição é mais para as crianças. Os adultos escondem os chocolates pelo jardim e quem não tiver jardim esconde-os em casa.

Lá em casa andavam todos entusiasmados.

- Quinta-feira à noite! Que bom! Vamos poder dormir mais um pouco amanhã de manhã! – exclamou o papá Marco.



- Olha – disse a mamã, virando-se para mim – vai buscar uma meia dúzia de ovos, por favor.

O papá, curioso como sempre, perguntou:

- O que vais fazer com os ovos? Vais fazer um bolo, querida?

- Não. Vou furar os ovos e depois soprar para tirar o que está dentro. No fim vou lavá-los muito bem.

- Porquê mãe? – perguntei, muito curioso e espantado. – Assim, os ovos vão ficar vazios... não consigo perceber qual é a piada nem o que pretendes com isso...

- Tem calma! Estou a preparar uma surpresa, mas, amanhã, vou precisar da tua ajuda.

- Estou a ficar curiosa... o que é que vou ter de fazer, mamã?

- Pintar os ovos – disse a mamã a rir-se. – Agora vais tomar um banhinho, lavar os dentes e cama. Amanhã vai ser um longo dia!

Acabei por ir para a cama mas a pensar como é que ia pintar os ovos. E para quê?

No dia seguinte – sexta-feira santa –, depois do pequeno-almoço, a mamã preparou tudo em cima da mesa: os ovos vazios, os pincéis, um copo com água e as tintas.

- Agora usa a tua imaginação – disse ela, sorrindo.

Os ovos não pareciam nada vazios, muito pelo contrário estavam pesados. Mas pintei-os. Depois de estarem todos pintados, a mamã levou-os para secarem e não voltei a vê-los. Como estava curioso para ver o resultado final, perguntei à mamã por eles. Ela respondeu-me apenas:

- É uma surpresa! No Domingo vais ver!

- Que tortura! Ainda vou ter de esperar mais?

Mas o tempo passou muito rápido, talvez pela enorme curiosidade com que eu estava. As horas, os minutos e os segundos andaram à mesma velocidade, eu é que fiquei com a sensação que o grande dia – Domingo de Páscoa – tinha chegado num abrir e fechar de olhos.

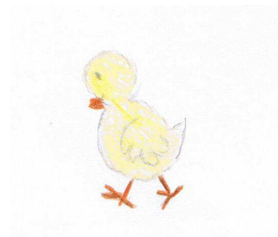
Depois do almoço, a mamã disse-me para ir para o jardim à procura de algo.

- Procurar o quê, mamã? – perguntei eu indignado.

- Procura e logo vê. Eu vou-te dizendo se estás quente ou frio, consoante estiveres mais perto ou mais distante. Combinado?



- Frio.... frio... frio... estás a aquecer um pouco mais, mais....BOAAAA!
- UAU, um ovo que eu pinte! – exclamei.
- Há mais! Ainda tens de descobrir mais cinco ovitos – disse a mamã. E continuou – frio, mais um bocadinho.... Quente e outro!
- Frio, frio, frio, estou a ficar cada vez mais *friado*, não estou mãe?
- *Friado*? O que é isso? Gelada sim, mas *friado*?! Nunca ouvi falar de tal palavra! Agora resolveste mesmo inventar... Só mesmo tu! Tens de ter cuidado para não te enganares e confundires com a palavra feriado. Se lhe “comeres” o **e** inventas uma palavra, que está incorrecta. *Friado* não existe mas, por exemplo existe a palavra resfriado.
- Pois é, tens toda a razão, mamã – disse eu, enquanto me ria às gargalhadas. Depois desta pequena pausa e da explicação da mamã, encontrei os outros ovos rapidamente. Foi tão divertido! Foi a primeira vez que andei pelo jardim à procura de ovos! E aqueles ovinhos estavam recheados de chocolate. Eram tão bons....
- Mamã, como é que conseguiste pôr o chocolate dentro dos ovos sem que eles se partissem? – perguntei, porque por mais que tentasse imaginar não conseguia descobrir.
- Foi muito simples: enchi uma seringa com chocolate derretido e fui pondo o chocolate pelo buraquinho. Depois, durante a noite o chocolate sólido. Durante a tarde daquele Domingo de Páscoa, fomos a casa dos meus tios. Almoçámos e beijámos lá a Cruz. Depois fomos à casa dos vizinhos. Foi um dia muito divertido, mas também muito cansativo.... Ainda bem que amanhã é segunda-feira de Páscoa, vou poder descansar. Os meus pais também estão a precisar, depois da correria dos últimos dias. Gosto tanto de estar em casa com eles... são meus amigos e eu gosto muito deles...



Brincar em segurança

O Sonso, o Mafarrico e o Noddy estavam a brincar no átrio da escola. O Sr. Apito, o polícia da escola, estava no portão de entrada como fazia todos os dias. O Noddy enchia balões e atirava alguns para o ar e os dois malandrecos rebentavam-nos.

- Lá vem estes dois outra vez... - refilou o Noddy.

- Tens algum problema?

Depois virou-se para o Mafarrico e resmungou: - **E tu? Não dizes nada?**

- Rebentar balões é fixe... - disse o Sonso, rindo à gargalhada.

- Acham piada a isto? – perguntou o Noddy.

Entretanto apareceram Gretel e a menina do Capuchinho Vermelho, de mãos dadas e a saltar, trazendo com elas dois espantalhos. De repente pararam, viraram-se para o Noddy e perguntaram:

- O que se passa?

Viram-se para o Sonso e para o Mafarrico – Vocês são sempre os mesmos... ainda não aprenderam a brincar? Irra! Assim nunca vão conseguir integrar-se num grupo!

- Mas nós estamos a brincar... ele é que não sabe brincar... é muito certinho para o nosso gosto.

- As vossas brincadeiras são estúpidas, não tem qualquer piada. Deixem-me em paz... – disse o Noddy, indo para o outro canto do átrio.

Gretel e o Capuchinho Vermelho foram logo ter com ele.

- Não fiques triste! Queres brincar connosco?

Enquanto o Noddy jogava à macaca, as meninas cantavam a música do Pretinho Barnabé. Entretanto, elas pararam e puseram-se a conversar.

- Vamos comer um gelado?

- Boa ideia, vamos ao bar da escola?

O Sonso e o Mafarrico, entretanto, aproximaram-se para ouvirem a conversa.

- E se convidássemos o Noddy para ir connosco? - perguntou o Capuchinho

O Mafarrico sussurrou-lhes:

- Não lhe digam nada, venham connosco à gelataria da praça... lh ih ih ...- e riu-se com ar matreiro.

O Noddy, ouvindo a conversa, respondeu-lhes:

– Não liguem ao que eles dizem... Vocês não sabem que não podem sair da escola sozinhas?

- Não sejam medricas, eu conheço um caminho muito fixe... - disse o Sonso, sorrindo com ar maroto.

Gretel e a menina do Capuchinho Vermelho, confusas, dirigem-se ao Sr. Apito.

- **Sr. Apito, Sr. Apito** ajude-nos...

– O que se passa? - perguntou o polícia espantado.

- Estamos a combinar ir comer um gelado mas o Sonso e o Mafarrico estão a desafiar-nos para irmos à gelataria da Praça. Acha seguro? – perguntou a Menina do Capuchinho Vermelho.

– Claro que não é seguro! Vocês não conhecem as regras de segurança?

- Já as alertei mas elas só dão ouvidos a esses traquinas... - afirmou o Noddy.

- Quem vos deu o dinheiro? – questionou o Sr. Apito.

- Foi a minha avozinha e da para dois gelados...

Noddy entrou na conversa e disse:

- Vocês não sabem que não é seguro trazer dinheiro ou objectos de valor para a escola?

– Pois é, mas há outras coisas que também devem saber, meus meninos. Nunca devem aceitar boleia ou guloseimas, dinheiro, ou outras ofertas de desconhecidos. É muito perigoso! Desloquem-se sempre em grupo, pois é mais seguro e nunca mudem o caminho para casa. Evitem brincar em zonas desertas ou com pouco movimento, uma vez que pode chamar a atenção de pessoas com más intenções – avisou o Sr. Apito, muito sério.

Todos juntos deram as mãos e cantaram:

Queres sair da escola

Para ir passear

Mas antes os teus pais

Têm de autorizar

Quando ao fim do dia para casa

Quiseres ir vai com os teus

Amigos, todos juntos

Sempre a abrir

*Não aceites dinheiro,
Pensa sempre primeiro.
Falar com desconhecidos,
É um dos grandes perigos!*

*Olha para a esquerda, oh oh
Depois para a direita
Pára, escuta e olha, oh oh
Passa na passadeira.*



Os amigos do Ambiente

A Gata Borralheira caminhava pelo jardim junto de sua casa, resmungando baixinho. Sentou-se num dos bancos do jardim porque se sentiu cansada. Passado um pouco, retomou a sua caminhada. Entretanto, cruzou-se com a sua amiga Carochinha.

- Olá amiguinha, como tens passado? - perguntou a Carochinha.

- Tenho andado um pouco cansadinha de tanto arrumar e limpar. A minha madraستا não me deixa em paz!

- Não és só tu! O meu João Ratão só faz asneiras... Já ando a perder a paciência...

- Vens cheia de sacos. Foste às compras? – questionou, curiosa, a Gata Borralheira.

- Não! Nestes sacos trago algumas coisas para separar nos ecopontos. Tu também fazes a separação? – perguntou a Carochinha.

- Sim, dah! Todo separamos... Não é verdade?

O Lobo aproximou-se dela, cantando: - Eu sou o lobo mau... Au...Au Au.

Entretanto, colocou o que trazia no saco no ecoponto errado. Como resposta, o ecoponto atirou para fora o que o Lobo lhe tinha colocado no interior.

A Carochinha e a Gata Borralheira, em coro, gritaram:

- O que estás a fazer?

- O que acham que estou a fazer? A deitar o lixo fora. Porquê? Vocês guardam o lixo em casa? – riu-se o Lobo.

- É claro que não. És cego ou quê? Eu estou a separar correctamente, tu é que és um trapalhão – respondeu-lhe a Gata Borralheira.

- Então, tu não sabes que o cartão é no Ecoponto azul, o vidro no verde e o plástico no amarelo? Olha, pergunta aos nossos amigos Ecopontos! – disse, muito concentrada, a Carochinha.

- Amarelo, o que é que comes? – perguntou o Lobo.

- Adoro latas de sumo, pacotes de leite e garrafas de água. Mas tem de estar tudo limpinho e arrumadinho, pois sou muito asseado.

Virou-se para eles e perguntou-lhes: - Não estou limpinho? Além disso, sabiam que para fazer uma T – shirt basta trazerem-me cinco garrafas de água de litro e meio?

- Ah! Não sabia.... – Mas como era matreiro, virou-se para a Carochinha e para a Gata Borracheira e perguntou-lhes: - E vocês? Sabiam disto?

-Nãaa... - responderam elas, um pouco envergonhadas.

O Ecoponto Verde aproximou-se do Lobo e, olhando nos olhos, disse-lhe:

- E eu gosto muito de vidros, mas não pode ser qualquer um. Aceito garrafas, garrafões, frascos e boiões e sou como o meu amigo amarelo, tem de estar tudo lavadinho.

-Ei! Também estou aqui! Eu cá não dispenso um bom bocado de papel, de preferência limpo. Nada de lenços sujos ou engordurados! Além disso, sabiam que são as nossas amiguinhas árvores que nos dão o papel e o oxigénio? - refilou o Ecoponto Azul.

- Não! Oh não! Não te esqueças de mim assim, sozinho e abandonado...Pilhão abandonado... - cantou o Pilhão, com o seu ar ternurento.

- Por que é que estás tão aflito? – perguntou o Lobo, curioso.

- Eu sei que sou mais pequenino, mas nem por isso sou menos importante.

Deliro com pilhas grandes, pequenas...não sou esquisito!

O Lobo colocou algumas pilhas no Pilhão.

- Hum...hum...que bom!

O Lobo reconheceu que tinha aprendido algo e disse-lhes:

- Este tempo que estive convosco foi muito educativo, aprendi muitas coisas sobre a separação e realmente não é fácil separar... mas se todos cooperarmos...

E todos juntos uniram as mãos e cantaram:

O Mundo é grande, redondo, verdinho

E eu pareço tão pequenino ...

Sei manter a Terra bem limpinha.

Venham connosco...

para não sermos sozinhos

Há tantas formas de a Terra ajudar

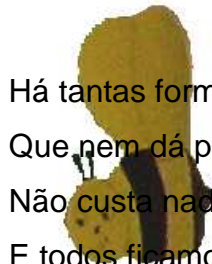
Que nem dá para as poder contar.

Não custa nada separar

E todos ficamos, ficamos a ganhar.

Há tantas formas de a Terra ajudar
Que nem dá para as poder contar.
Não custa nada separar
E todos ficamos, ficamos a ganhar.

O Mundo é grande, redondo, verdinho
E eu pareço tão pequenino ...
Sei manter a Terra bem limpinha.
Venham connosco...
para não sermos sozinhos



Ninguém dá prendas ao Pai Natal

Por momentos, o Pai Natal só conseguia ver papéis de embrulho amarfanhados e laços coloridos que muitos pés, grandes e pequenos, de botifarras, sapatos de tacão, de atacadores e de pala, de pantufas e mesmo descalços, ou apenas com meias, calcavam sem reparar.

Estava na sua casa do Pólo Norte e seguia pela televisão a cerimónia do desembulhar das prendas em todas as casas do mundo.

- Que pena que isto me dá! – desabafou, enquanto uma lagriminha, pequena como uma pérola de fantasia, lhe deslizava pela face vermelhusca e se lhe ia dependurar na barba comprida.

Com a mão espalmada, esmagou a lágrima importuna e disse:

- Ai que infeliz que eu sou! Ninguém dá prendas ao Pai Natal!

Estava bem enganado. Ainda mal tinha acabado de soltar aquele queixume, quando se ouviu bater à porta: truz, truz, truz.

- Quem vem lá? – perguntou o Pai Natal.

- Sou eu, Pai Natal, a Menina do Capuchinho Vermelho.

O Pai Natal abriu a porta e a sua visita ofereceu-lhe uma bonita capa vermelha com capucho.

- Ah, ah, ah, ah! – riu o Pai Natal.

- Onde está a graça? – perguntou, com certa irritação na voz, a Menina do Capuchinho Vermelho.

- É que sou muito bem constituído – respondeu o Pai Natal, que acrescentou:

- Parece-me que esta capa não me vai servir.

Só para não desfeitear aquela menina simpática, o Pai Natal tentou embrulhar-se na capa. Mas esta mal lhe tapava os ombros, e não havia maneira de conseguir enfiar o capucho.

A Menina do Capuchinho Vermelho meneou a cabeça e disse:

- Pois olha, não era má ideia fazeres uma dieta. Podia ser a tua decisão para o Ano Novo. Que achas?

Todo comprometido, o Pai Natal ofereceu uma bebida à sua visita e dedicou-se a encerar o seu trenó, enquanto a Menina do Capuchinho Vermelho saboreava uma deliciosa chávena de chocolate quente com natas – receita típica do Pólo Norte.

Estava o Pai Natal a remendar o cobertor das suas renas quando se ouviu uma voz melodiosa a chamar:

- Pai Natal! Pai Nataaa!

O Pai Natal abriu a porta e deu com uma menina, muito mal vestida, e com um par de sapatinhos de cristal na mão, que lhe disse:

- Pai Natal, trago-te estes sapatinhos do mais fino cristal. Aceita esta prenda, que ta dou eu, a Gata Borracheira.

O Pai Natal deu uma gargalhada:

- Ah, ah, ah, ah!

E respondeu por fim, quando conseguiu controlar o riso:

- Querida menina, não sei se posso aceitar a tua prenda. Tenho um calo no dedo grande do pé. Mas deixa-me cá experimentar.

O Pai Natal descalçou-se e tentou enfiar aqueles sapatos tão delicados. Em vão. Agradeceu à Gata Borracheira e disse-lhe:

- Mas entra, entra e toma uma bebida quente.

Depois de servir uma chávena de chocolate quentinho e delicioso à Gata Borracheira (sem natas, porque ela estava de dieta), o Pai Natal sentou-se junto das suas visitas e reparou que realmente tinha os pés em péssimo estado. É que a neve do Pólo Norte queima mais do que o mais gélido coração. A Menina do Capuchinho Vermelho, prestável como sempre, sugeria à Gata Borracheira:

- Queres que te dê a morada da minha costureira? Parece-me que estás a precisar de um vestido novo. E, francamente, esses chinelos que trazes, nem servem para andar por casa.

Bateram de novo à porta:

- Truz, truz, truz.

- Quem vem lá? – perguntou o Pai Natal.

Uma voz fina chiou:

- Sou eu, o João Ratão. Venho oferecer-te um caldeirão. Pode...

- Alto, alto, alto...- disse o Pai Natal. E acrescentou: - Deixa-me abrir-te a porta.

Mal entrou, o João Ratão voltou a repetir:

- Eu sou o João Ratão, e venho oferecer-te o caldeirão, para não cair em tentação.

O Pai Natal agradeceu ao João Ratão:

- Não posso aceitar a tua prenda. Só cozinho no micro-ondas. Mas agradeço-te a bonita intenção.

O João Ratão desandou, a murmurar:

- Francamente, sempre ouvi dizer que a caldeirão dado não se olha a asa.

Mas o Pai Natal, que não gostava de ver ninguém aborrecido, convidou:

- Ó amigo João Ratão, fica mais um pouquinho. Tenho aqui um queijo de rena que é uma especialidade. Queres prová-lo?

Por falar em comida, o Pai Natal lembrou-se de que não tinha ainda preparado o jantar das suas renas. Estava a cortar os legumes aos cubos, enquanto os seus três visitantes conversavam, quando, de repente ouviram um barulho do lado de fora da porta.

- Truz, truz, truz.

- Sim, diga lá quem é – disse o Pai Natal.

Do outro lado ouviu-se o chiar de uma voz melodiosa:

- Sou a Carochinha, bonita e formosinha.

- Já te abro a porta de minha casa, linda Carochinha.

Ela entrou e disse, logo de imediato, ao Pai Natal:

- Venho oferecer-te a minha vassourinha para teres a tua casa sempre num brinquinho.

O Pai Natal, sorrindo, disse-lhe:

- Como posso aceitar o teu presente? O pó que se levanta com as vassouras faz-me muito mal. Não paro de tossir e é espirro para aqui, espirro para ali. O aspirador é que me tem ajudado nesta tarefa. De qualquer modo, agradeço-te por te teres lembrado de mim e teres cá vindo.

- Ah! Não gostaste do meu presente!

- Não fiques assim. Tenho de pensar na minha saúde! Fica connosco mais um bocadinho.

Nessa altura, a Carochinha reparou nos outros convidados que se encontravam na sala. Fixou os olhos no João Ratão, foi sentar-se junto dele e exclamou:

- Com que então estavas aqui! Andei à tua procura para me ajudares nas limpezas. Nem sequer me avisaste!

- Ó minha linda Carochinha, tive mesmo de vir a correr para fugir à tentação do caldeirão.

Enquanto eles conversavam, o Pai Natal continuava a cortar os legumes para as suas renas. Subitamente, olhou e viu um nariz comprido colado ao vidro da janela da sua cozinha.

- Toc, toc, toc – bateu o nariz no vidro.

O Pai Natal abriu a janela, cumprimentou a senhora idosa, de cabelo desgrenhado e roupas pretas e perguntou:

- Quer entrar, minha senhora?

Numa voz mais doce do que dez chupa-chupas, a velha senhora disse:

- Trago-te aqui umas prendas da minha casinha de chocolate. Ih, ih, ih, ih... Espero que goste.

O Pai Natal convidou a amável velhinha a entrar e agradeceu-lhe muito a prenda; mas, infelizmente, não podia aceitar, estava proibido pelo médico de comer doçarias.

- Mas não faz mal – consolou-a o Pai Natal.

Voltando-se para as suas visitas, disse:

- Talvez estes meus convidados apreciem chocolates, rebuçados e chupa-chupas de trinta centímetros.

Era essa a prenda da Senhora da Casinha de Chocolate.

- Chama-me Bruxa, ó Natal – disse a velha senhora, e sentou-se à lareira com os outros convidados, olhando-os cheia de interesse dissimulado.

Voltou-se para a Gata Borracheira e disse:

- Ó filha, estás tão magrinha! Come, come chocolates, pequena.

O Pai Natal já começava a suspeitar que os seus novos amigos tinham vindo para uma ceia pós – natalícia. E ele que não tinha nada na arca congeladora. Que arrelia!

- Está alguém em casa? Pai Nataaa! Pai Nataaa! Está por aí?

Estava alguém ao portão. Não se conseguia ver muito bem porque a neve teimava em cair, mas parecia uma figura esbelta. O Pai Natal fez-lhe sinal da janela, entreaberta, para que avançasse a visita que agora chegava. Fechou a janela e foi abrir a porta.

- Olá Pai Natal! Trago-lhe umas belas maçãs! Estão tão vermelhinhas e são uma delícia! Mas estas podem ser comidas, não iremos adormecer.

O Pai Natal ficou encantado porque, pela primeira vez naquela noite, podia aceitar o presente. Até era bom para a dieta que a Menina do Capuchinho

Vermelho lhe tinha sugerido. Agradeceu amavelmente o presente e ofereceu as maçãs aos seus convidados também. A Gata Borracheira foi a primeira a servir-se. Assim que trincou a maçã sentiu um sabor estranho. Era apenas um bicharoco.

- Ó Branca de Neve, não disseste que estas maçãs eram deliciosas?

O Pai Natal riu-se e os outros acompanharam-no. Gargalhada geral na sala.

- Não fiques chateada, o bichinho também queria vir até minha casa. Acontece! Ele nem se via e a Branca de Neve não podia saber que ele lá estava – disse o Pai Natal ainda a rir.

Estavam eles neste ambiente, quando dois olhos curiosos espreitaram pela janela e um nariz bateu no vidro.

- Toc, toc, toc.

O Pai Natal abriu a janela, mais uma vez, e cumprimentou a bela menina com cabelos da cor do sol que esvoaçavam ao sabor da brisa que se tinha, entretanto, levantado.

- Queres entrar, linda menina?

Com a sua voz doce e meiga, ela disse:

- Trago aqui um presente do País das Maravilhas – e mostrou-lhe o baralho de cartas.

- Vieste no momento certo. Nada melhor para passarmos esta noite! Já percebi que vai ser uma longa noite e ainda agora começou. E eu que pensava que ia ficar sozinho...

Entretanto, começaram a jogar, enquanto falavam uns com os outros. De repente, olharam uns para os outros. Do lado de fora da porta ouvia-se uma música agradável. De onde viria, principalmente àquela hora? O Pai Natal abriu a porta e viu um pequeno Porquinho.

- Caro amigo, trago-lhe aqui umas palhinhas, que o podem ajudar a aquecer.

O Pai Natal não sabia o que poderia fazer com as palhinhas mas, mesmo assim, agradeceu o gesto. Talvez para as suas renas. Convidou-o a entrar e a partilhar aquela noite com eles.

Ainda a porta estava entreaberta quando, de repente, ouviu um PAF. Espreitou e, aos seus pés, apareceu uma bola a rolar. Atrás da bola vinha mais um Porquinho. Este era um pouco maior do que o primeiro.

- Amigo Pai Natal, peço desculpa pela interrupção. Não o assustei, pois não? Não era de todo a minha intenção.

- Não te preocupes com isso, Porquinho. Ainda bem que apareceste.

- Vim aqui trazer-te um pedacito de madeira que te pode ser muito útil.

- Claro que sim. Numa noite longa como esta, precisamos todos de estar bem quentinhos e a lareira agradece. Junta-se a nós, ainda há chocolate quentinho! O Porquinho entrou e reparou que o seu irmão mais novo também lá estava. Abraçaram-se, entre sorrisos.

As horas foram passando e a lista de convidados do Pai Natal já era longa. Na sala, todos riam à gargalhada, afinal a época era mesmo de festa. Nesse momento, ouviu-se novamente:

- Truz, truz, truz.

Olharam uns para os outros. Ainda falta alguém? Quem seria àquela hora? O Pai Natal levantou-se e foi abrir a porta.

- Boa noite, Pai Natal! Trouxe uns tijolos que fazem sempre jeito. É o teu presente de Natal – disse o Porquinho mais velho.

- Agradeço a tua amabilidade. Entra, junta-te a nós.

Já se fazia tarde. O Pai Natal, que precisava descansar da lufa-lufa dos últimos dias, sugeriu:

- Tenho todo o prazer em convidá-los a todos para uma modesta ceia. Talvez mais uma chávena de chocolate quentinho e umas fatias de queijo.

A Gata Borracheira perguntou, com timidez:

- É meio gordo?

E o Pai Natal compreendeu pela reacção dos restantes amigos, que todos tinham aceite o seu convite.

Estava a pôr a mesa, quando se ouviu bater à porta:

- Truz, truz, truz.

Tão tarde já, quem seria?

Uma voz rouca e grossa respondeu:

- Sou eu, o Lobo Mau.

O Pai Natal abriu a porta e deparou com o lobo, todo molhado da neve que caía lá fora, carregando um grande saco preto.

- Venho oferecer-te este grande saco preto. Toma lá, é a tua prenda de Natal.

O Pai Natal não cabia em si de contente:

- Era mesmo do que eu estava a precisar, que o meu saco rebentou com o peso das prendas. Que ideia maravilhosa! Já posso fazer a entrega dos presentes no próximo ano.

O Lobo Mau entrou em casa do Pai Natal, depois de sacudir o seu belo pêlo, sentou-se à lareira e aquecer-se e olhou de soslaio para a Menina do Capuchinho Vermelho e para a Gata Borracheira.

Enquanto acabava de pôr a mesa, o Pai Natal perguntou ao Lobo Mau:

- Querido amigo, ficas para a ceia, não é verdade?

E o Lobo Mau aceitou e sussurrou ao Capuchinho e à Borracheira:

- Pequenas, não se preocupem com o regresso a casa! Comigo, nada têm a recear!

Entretanto, o Pai Natal não se fartava de exclamar como era útil a prenda que o Lobo Mau lhe dera, e como estava satisfeito.

Porém, quando reparou que os restantes convidados pareciam comprometidos, acrescentou:

- Que prendas maravilhosas, digo eu. Todas elas. E principalmente, a prenda da vossa companhia, meus amigos.

Caiu-lhe pela face rosada uma lagrimazinha, que se veio dependurar, a marota, das suas barbas compridas. Mas ninguém se importou: o Pai Natal tem a lágrima fácil e o coração grande.

Vitória! Vitória! Acabou-se a história!

Adaptação de Saldanha, Ana (2002).
Ninguém dá prendas ao Pai Natal. Porto:
Campo de letras. ISBN 972-8146-85-

Preservação das espécies

O Burro Tinó caminhava lentamente em direcção ao mar, para fazer o seu passeio matinal. Todos os dias, à mesma hora, ele gostava de caminhar e sentir aquela doce brisa e ouvir as ondulações. Mas aquela manhã estava a ser completamente diferente e ele estava cada vez mais curioso. Por momentos começou a ouvir um burburinho e alguma confusão. Vozes que gritavam, barafustavam, outras riam e ouviam-se passos para cá e para lá...Algo estranho se passava, principalmente porque naquele local costumava apenas ouvir-se o bater das ondas do mar nas rochas. Além desse ruído, ouvia-se, normalmente, o encontro das águas com a areia, num constante ir e vir.

- O que seria aquilo? De quem seria aquelas vozes? – pensou o Burro Tinó
De repente, cruzou-se com alguns animais em alvoroço. Sem conseguir desviar-se, tropeçou na Cabra - Montesa, que lhe deu um violento empurrão. Ele, com tal embalo, quase tropeçou no meio de tanta trapalhada. Enfim...

A Cabra – Montesa, sempre imponente, perguntou-lhe, com o seu vozeirão:

-Eh! Olha lá, também vieste para a Conselho? Demoraste a chegar? Até parece que vieste a passo de caracol. Claro, sem ofensa para os nossos amigos caracóis! Na verdade, julgo que eles até chegavam mais rápido do que tu...

- Conselho? Que Conselho? – perguntou o Burro Tinó, espantado.

O Pombo – Trocaz, muito surpreendido, questionou:

- Tu não recebeste a convocatória?

- Ah? Não estou a perceber... – disse ele, cada vez mais surpreendido. Mas, de repente, apercebeu-se que se tinha gerado ali uma outra grande confusão. E riu-se.

Os outros animais não acharam muita piada, pelo que ele, logo de imediato, tentou explicar qual era a graça:

- Se enviaram alguma convocatória deve ter sido para os meus primos. Lá em casa não recebemos nada. Eu estava somente a fazer o meu passeio matinal...

Os outros começaram também a rir.

Então, o Burro Tinó voltou a perguntar:

- Mas afinal por que é que estão todos aqui? Qual é o motivo do Conselho?

Desta vez foi a Águia – Real que lhe respondeu:

- Juntamo-nos para nos conhecermos melhor e assim podermos lutar por uma causa que nos une e que é muito nobre: a nossa preservação.

Nesse instante todos suspiraram.

- Posso conhecer-vos um pouco melhor? Esse assunto é demasiado importante, por isso, também quero participar no Conselho.

O Lince, com os seus grandes e cintilantes olhos, disse de imediato:

- Sabiam que durante o dia vivo escondido, para ninguém me ver? Por isso tenho de ir caçando apenas ao anoitecer e alimento-me de coelhos bravos. Se não os encontrar caço e como veados jovens, patos e outras aves, peixes e, possivelmente, raposas. Sou bom trepador e posso atravessar a nado longos cursos de água. Percorro, em média, sete quilómetros diários. Por isso é que estou em forma, não se nota, meus amigos? Mas não precisam de se assustar comigo.

O Pombo-Trocaz, curioso, perguntou-lhe:

- Mas onde é que tu e tua família vivem? Não te costumo ver....

O Lince riu-se e retorquiu:

- Claro que não me vês. Eu costumo percorrer as serras algarvias, Alcáçovas, Comporta, Alcácer do Sal, a Serra de Portel e a Serra da Malcata. Estes não são, certamente, locais onde tu poisas, ó Pombinho Trocaz.

- Ah! Tens toda a razão. Eu estou restrito à bela ilha da Madeira e adoro ocupar diferentes áreas da floresta ao longo do ano. Tenho a plumagem cinzenta - azulada, com tonalidade cor de vinho no peito e uma lista branca que atravessa a cauda, como podem observar!

- Eu sou extremamente tímido e dizem que tenho um comportamento solitário. Mesmo as pessoas que vivem uma vida inteira num determinado local podem nunca nos ver – referiu o Lince.

A Cabra – Montesa, que entretanto se tinha calado, disse:

- Já olharam bem para mim? Sabiam que a cor e o comprimento do meu pêlo variam consoante a época do ano? Sabiam que no Inverno se torna mais largo e grisalho? Em Abril e Maio voltamos a mudar o pêlo...

- Não és nada convencida! – riu-se o Burro Tinó, que escutava atentamente os seus novos amigos.

- Na minha família, as horas de maior actividade costumam ser durante a manhã e ao final da tarde, mais pela noitinha. No Inverno, preferimos caminhar durante as horas de maior calor, sempre nos sentimos mais aconchegados pelos raios de sol.

- Tens toda a razão. No Inverno, com este frio congelamos. Há dias que não consigo parar de tiritar – disse o Burro Tinó.

E a Cabra – Montesa não se calava....

- Eu, tal como a minha família, somos muito sociáveis, ao contrário do Lince...mas a verdade é que mudamos, várias vezes, de manada. Daí a nossa sociabilidade. Alimentamo-nos essencialmente de ervas, ainda que no Inverno comamos arbustos. Se for necessário escavamos na neve para podermos aceder à vegetação. Gostamos de morar em regiões de grandes altitudes.

- Olá amigos! Eu sou a Monachus Monachus.

- Ah?! – olharam todos indignados.

- És quem? – questionou a Águia – Real.

- Sou a Foca Monge, mas também me chamam Monachus Monachus. Chamam-me Foca Monge devido às pregas que possuo no pescoço, quando estou em descanso e, além disso, lembram um capucho de monge. Ao contrário da nossa amiga Cabra – Montesa e, tal como o Lince, sou um animal de hábitos solitários. Mas ainda me atribuem um outro nome...

- Outro? – perguntaram todos em uníssono.

- Sim. Lobo Marinho, devido às vocalizações em tom de urro que emito e também por ser um animal carnívoro. Prefiro as águas costeiras onde apresentam pequenas praias, ilhéus ou em furnas; raramente me vêem em praias de areia. Hoje é realmente uma dessas excepções.

- Dão-me licença que tome a palavra? – ouviu-se um som vindo da água, mais uma vez.

- Também gostava de me apresentar. Eu sou a conhecida Baleia Cachalote. Tenho uma cabeça grande e quadrada. Tenho a pele enrugada e de cor escura. Meço cerca de 12 metros. Alimento-me, principalmente, de polvos e lulas-gigantes, que vivem em águas profundas, além de raias, tubarões, peixes e crustáceos

- Tu és enorme...- disse o Burro Tinó.

- Mas vou contar-vos uma curiosidade...Sabiam que o meu período de gestação é de aproximadamente onze meses?

- Tanto tempo... – disse a Águia – Real.

E aproveitando que tinha a palavra, a Águia - Real pronunciou-se:

- Já repararam na minha elegância? Sou uma ave de rapina. Voo sobre os cumes montanhosos, abrindo as asas de uma envergadura de mais de dois metros, enquanto esquadrinho o céu e a terra em busca da minha presa – e continuou – além disso, na minha família, somos muito fiéis e constituímos um casal para toda a vida

Os animais estavam espantados e com os olhos fixos nela. Ela continuava:

- Como devem ter reparado, o meu corpo é uniformemente escuro, com matiz dourada na cabeça. Tenho o bico curvo, grosso e poderoso e as minhas asas são excepcionalmente longas. Além disso, meus amigos, as fêmeas são maiores do que os machos.

O Lobo Ibérico e a Cegonha Preta olhavam um para o outro. Todos se tinham apresentado, à excepção dos dois. Nesse momento, ela, com o seu ar doce e meigo, fitou os restantes animais e apresentou-se:

- Eu sou a Ciconia Nigra, mais conhecida por Cegonha Negra e sou uma espécie inconfundível. Sou mais pequena do que a minha prima Cegonha Branca. Tenho uma coloração preta com reflexos de verde brilhante e a única parte branca que vêm em mim é unicamente o peito. O meu bico e as minhas patas são vermelhos.

Todos a escutavam atentamente e, por isso, ela continuou a discursar:

- O melhor local para me observarem é na Ponta de Sagres, durante a migração de Outono e nas regiões interiores, perto dos troços internacionais dos rios Douro, Tejo e Guadiana. Alimento-me à base de peixe mas posso também capturar insectos, anfíbios (rãs e salamandras) e em última hipótese alguns mamíferos de pequeno porte.

Depois de ter ouvido todos os participantes, o Lobo Ibérico, falou finalmente, pausadamente:

- Já todos me conhecem, por isso, não preciso de muitas apresentações. Basta olharem para mim para verem que sou mais pequeno que os outros lobos. Tenho uma cabeça volumosa e as minhas orelhas são triangulares. Inconfundíveis são os meus olhos oblíquos e cor de topázio. Para viver,

necessito de uma certa área de terreno, onde possa encontrar alimento e abrigo. Conhecemos bem o nosso território: os caminhos, os refúgios, as fontes de água e os locais onde encontrar os alimentos.

Ninguém ousava interrompê-lo, o silêncio era total. Afinal, ele era o Presidente do Conselho.

- Naturalmente, para comunicarmos uns com os outros utilizamos sinais: movimentos e atitudes corporais, olhares, cheiros e sons tais como rugidos e uivos. O nosso olfacto é muito desenvolvido e, por isso, damos muita importância a todos os cheiros, o que nem sempre acontece com os adultos. Através da maneira como utilizamos a cauda, mostramos as nossas intenções pela maneira como apresentamos o focinho, as orelhas e a cauda e até pelos pêlos do dorso – frisou ele.

- Mas não pedi para nos reunirmos em Conselho para nos apresentarmos apenas. Pedi para nos reunirmos para debatermos a situação de cada uma das espécies a que pertencemos. Vai ficar registado em acta a situação de cada um e, posteriormente, será apresentada a um dos representantes dos homens para que eles possam reflectir acerca das atrocidades que têm cometido. Se esta situação se prolongar deixaremos de existir... – nesse momento, parou para respirar profundamente.

Uma lagrimazita correu pela face de cada um. Não era nada fácil abordar aquele assunto mas não havia outra hipótese.

Após uma pequena pausa, o Lobo Ibérico continuou:

- Cegonha Preta, cabe-te a função de redigir a acta deste conselho. Portanto, não te esqueças de anotar todas as queixas e comentários que sejam feitos a partir de agora.

- Com todo o gosto – respondeu ela.

Foi o Lobo Ibérico que começou a apresentar os seus problemas:

- A fragmentação e destruição do meu habitat e a injusta má fama puseram-nos seriamente em risco de extinção. Já desaparecemos no Alentejo, havendo apenas cinco populações com poucos indivíduos, em regiões montanhosas - Gerês, Alvão, Bragança, Montemuro e Malcata – onde a destruição é menor e o Homem tem menos facilidade de acesso. Posso ser salvo da extinção em quase todas as áreas onde ainda existo, mas só se o Homem o ajudar. Além disso, devem ser criadas leis para controlar os caçadores e pôr fim à caça à

nossa espécie. Tem de se acabar com a utilização de métodos bárbaros, como as armadilhas e o veneno! O homem sabe mas esquece-se que o lobo é uma das espécies selvagens mais perfeitas e evoluídas que até agora apareceram na Terra. A nossa extinção seria uma perda irreparável.

Para mostrar aos restantes membros do Conselho que tinha terminado a sua exposição o Lobo uivou.

Nesse instante, o Lince, com a sua voz, mostrou que gostava de ter a palavra, mais uma vez e depois referiu somente:

- A destruição dos *habitats*, principalmente do matagal mediterrânico, tem vindo a reduzir a minha família. Se não forem urgentemente tomadas medidas adequadas poderei vir a desaparecer também.

A Cegonha Preta, com o seu som inconfundível, aproveitou para se pronunciar e, avidamente, disse:

- A destruição dos bosques, pântanos, ribeiros e lagos, bem como a poluição por pesticidas, coloca a minha espécie em risco de extinção na Europa Ocidental, particularmente em Portugal. A preservação passa essencialmente pela conservação do meu habitat.

Das águas ouviu-se, novamente, o som do Lobo-marinho que, logo de imediato, mencionou:

- Actualmente existem vários problemas que afectam toda a vida selvagem atlântica. O grande número de turistas que visitam estas áreas e o grande número de desportos aquáticos que crescem em variedade e número de praticantes, afectam gravemente o nosso habitat e de outros animais. Além disso, a poluição provocada nas praias e a grande popularidade dos humanos por estas, foi também um dos vários factores que alterou radicalmente o nosso habitat original. Este tipo de problemas parece não ter uma solução fácil e imediata. Mas não só estes problemas, pois a pesca comercial que é levada a cabo nestas zonas, é também um factor que reduz substancialmente o número de elementos das nossa famílias pois podemos ficar acidentalmente presos nas redes e morremos.

A Águia – Real demonstrou, mais uma vez em Conselho, a sua magnificência e acentuou:

- A perseguição humana através do abate a tiro, da utilização de iscos envenenados e da pilhagem de ninhos, motivada por conflitos associados ao

nosso comportamento predatório, constitui o principal factor de mortalidade da minha espécie.

Nesse instante, ouviu-se o chilrear do Pombo Trocaz que, avidamente, falou:

- No passado fomos bastante afectados pela destruição do nosso habitat. Essa situação foi ultrapassada e, actualmente, a principal ameaça tem a ver com o facto de causarmos extensos estragos nos campos agrícolas localizados na periferia da floresta. Gostamos imenso de couves e, por isso, somos uma ave impopular, perseguida e abatida. Ninguém nos compreende...

- A destruição e alteração do habitat de montanha, a competição com outros herbívoros de grande porte, quer bravios quer domésticos, a perturbação humana e as doenças, são alguns dos problemas que precisam de ser resolvidos ou atenuados, de imediato, de maneira a que possamos sobreviver – proferiu a Cabra – Montesa, muito séria.

- As redes de deriva no alto mar são um problema para nós, que acidentalmente nos emalhamos nelas – comentou a Baleia Cachalote.

O Burro Tinó sentiu que devia falar um pouco sobre si, afinal tinha algumas semelhanças com todos aqueles animais.

- Ainda sou familiar do cavalo, ainda que afastado. Porém, nós temos a cabeça mais volumosa, as órbitas mais afastadas. Ah! Claro que o nosso ouvido e o nosso olfacto são mais apurados que os do cavalo. De todas as espécies domésticas nós somos, sem dúvida, a mais abandonada, pois os nossos criadores, dum modo geral, não nos dão educação durante o nosso crescimento. Sujeitaram-nos, em tempos, ao trabalho quando atingíamos a idade adulta, através de maus-tratos. Por isso, embora sejamos naturalmente vivos, ágeis e dóceis, tornamo-nos preguiçosos, tímidos e teimosos. Por tudo isto, nos dias de hoje somos poucos. Mas já não fazemos este tipo de trabalhos, agora usam-nos para passear as pessoas. Mas o meu primo, o burro selvagem, é actualmente um dos oito animais em todo o mundo em maior perigo de extinção total! Por isso não me posso queixar muito! Estou muito triste só de pensar que ele nos possa deixar....

Após um momento de silêncio o Lobo Ibérico interrogou novamente a Cegonha Preta:

- Anotaste os problemas apresentados por todos os elementos?

- Claro que sim – respondeu a cegonha.

Então, o Lobo voltou-se para os restantes animais e perguntou-lhes:

-Quem é que nos poderá ouvir?

Olharam uns para os outros... De repente, como se uma luz se tivesse rasgado no céu, responderam em uníssono:

- Os Homens pequenos.

O Lobo compreendeu o que eles queriam dizer e reformulou:

- As crianças, quereis vós dizer.

- Pois é, são elas que mais se lembram de nós e que nos incluem nas suas brincadeiras. Algumas até gostam de passear comigo, é tão divertido – disse o Burro Tinó, entusiasmadíssimo.

- Vamos hoje mesmo entregar esta acta às crianças. Precisamos de fazer alterações urgentes e elas saberão, certamente, como ajudar-nos. O nosso futuro está nas mãos delas! – proferiu o Lobo.

Todos concordaram com a decisão e o alvoroço inicial voltou a criar-se entre eles.